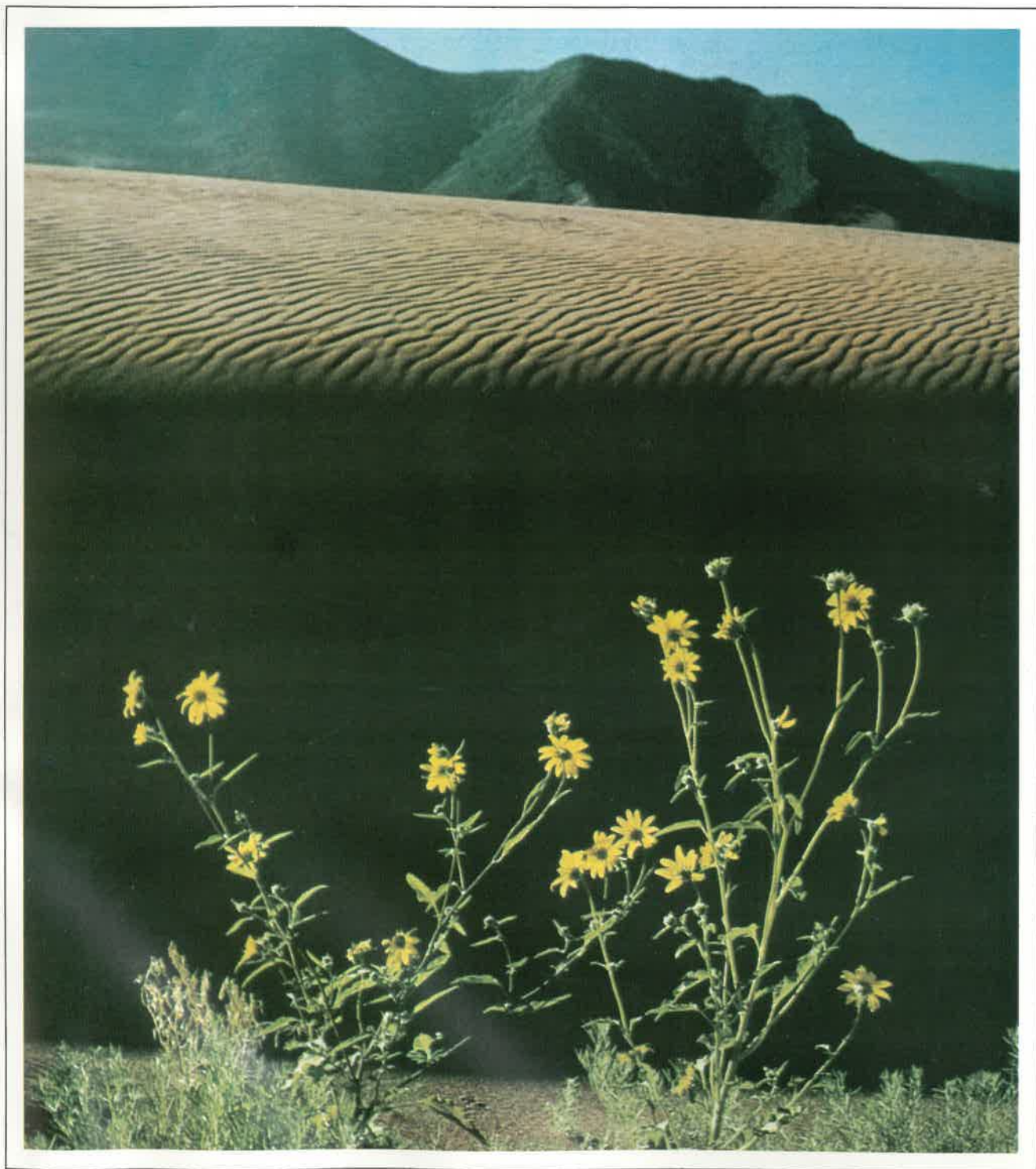


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Novembro/1986



Oferta para novos Templos

Este ano foram levantadas duas ofertas especiais para novos templos, em todas as igrejas. Acreditamos que o maior ou menor êxito dos objectivos de cada igreja se deveu ao entusiasmo de quem apresentou o apelo, mas é-nos grato registar o nosso agradecimento pela colaboração e esforço feitos.

Assim apresentamos a lista de todas as igrejas que contribuíram:

AÇORES — ANGRA	9.438,50
LAJES	6.200,00
PICO	20.500,00
P. DELGADA	21.915,00
ALMADA	13.500,00
AMADORA	41.750,00
ARGANIL	29.192,50
ATALAIA	35.835,00
AVEIRO	
AVINTES	44.749,00
BAIXA DA BANHEIRA	27.850,00
BARREIRO	34.870,00
BRAGA	44.700,00
CADAVAL	600,00
CALDAS DA RAINHA	64.905,00
CANELAS	44.850,00
CARREGAL DO SAL	10.440,00
CASCAIS	25.550,00
CASTELO BRANCO	120.150,00
COIMBRA	76.149,50
COMENDA	44.122,00
CORROIOS	15.750,00
DELÃES	15.291,00
ENTRONCAMENTO	9.500,00
ERMESINDE	41.900,00
ESPINHO	269.864,00
ÉVORA	11.021,50
FARO	
FIGUEIRA DA FOZ	7.700,00
FIGUEIRÓ DOS VINHOS	550,00
GUARDA	22.300,00
LAGOA	61.100,00
LAPI - VALE QUEIMADO	79.758,50

LEIRIA	78.767,50
LX — ALVALADE	31.385,50
CENTRAL	185.538,50
ROÇADAS	62.540,00
MADEIRA — CANIÇO	8.500,00
FUNCHAL	57.662,00
PORTO SANTO	7.250,00
MATOSINHOS	52.620,00
ODIVELAS	124.000,00
OLIVEIRA AZAMÉIS	18.500,00
OLIVEIRA DO DOURO	70.167,50
PAIVAS	17.300,00
PENICHE	17.000,00
PERO NEGRO	12.430,00
PONTE DE SÔR	
PORTALEGRE	101.760,00
PORTIMÃO	30.925,00
PORTO	126.730,00
QUELUZ	61.359,00
REBOLEIRA	8.210,00
RIBEIRA DE NISA	33.500,00
RIO MAIOR	94.190,00
S. DE MAGOS	23.250,00
SANGALHOS	22.238,50
SANTANA	10.000,00
SANTARÉM	68.912,00
SETÚBAL	34.878,50
SINTRA	16.400,00
TOMAR	68.115,00
TORRES VEDRAS	22.850,00
VIANA DO CASTELO	4.000,00
VILA DO CONDE	17.450,00
VILA FRANCA	18.900,00
VILA NOVA DE GAIA	53.210,00
V. N. DE MONSARROS	20.010,00
V. R. St.º ANTÓNIO	2.700,00
V. R. TRÁS-OS-MONTES	12.250,00
VISEU	21.500,00
VIZELA	6.950,00
PÓVOA S. COSME	3.820,00
FUNDÃO	15.810,00
QUARTEIRA	2.885,00
Congresso e diversos	299.966,00
	3.198.331,00

ESPERANÇA

*Do pó da terra vieste,
Ao pó terás que voltar,
De tudo quanto fizeste
São contas que tens p'ra dar.*

*Nesse tribunal divino
Presidido por Jesus,
As sentenças sejam um hino
De amor, justiça e luz.*

*Frente ao Deus poderoso
Teremos de comparecer,
Preparados para o gozo
Que nos há-de conceder.*

*Bondoso Deus, Te imploramos
Confiança no Salvador,
Pois nós todos, ansiamos
Essa dádiva de amor.*

Luís Castelo
Membro da igreja do Porto

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Novembro 1986
Ano XLVI • N.º 481

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 550\$00
Número Avulso 55\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2** Oferta para novos Templos
- 3** Conselho da Conferência Geral
Por J. Morgado
- 4** Fogo Estranho
Por E. Ludescher
- 7** A Voz do Perdão
Gary B. Patterson
- 9** Vitória sobre a morte
Por John M. Fowler
- 12** O que haverá para além do túmulo
Por M. N. Cordeiro
- 14** A Teoria da imortalidade da alma. Seu percurso histórico-filosófico
Daniel Simões Silva
- 16** Como enfrentar a perspectiva da morte
Manuel N. Cordeiro
- 18** Introdução de um novo departamento
Harold Knott
- 20** Notícias do Campo
- 23** O Campo é o Mundo — Notícias

Conselho da Conferência Geral

Não tenho outra maneira de partilhar connosco algumas das impressões que colhi ao assistir ao conselho da Conferência Geral, que teve lugar no Rio de Janeiro, de 6 a 15 de Outubro deste ano.

Creio que há laços indestrutíveis que ligam o povo português ao povo brasileiro, e por isso, no Brasil, um português sente-se como em casa. E isto pode dizer-se muito mais apropriadamente acerca do relacionamento entre as igrejas adventistas de Portugal e do Brasil.

*A Divisão Sul-Americana, onde está integrado o Brasil, tem neste momento 700.000 membros de igreja, e espera atingir o milhão de adventistas no fim da campanha **Colheita 90**.*

Na cidade de S. Paulo, com perto de 14 milhões de habitantes, há cerca de 400 igrejas, agrupadas em duas Associações. Várias igrejas têm mais de mil membros, e várias escolas existem ao lado de muitas igrejas — escolas com 800 e mil alunos.

A obra adventista no Brasil desenvolve-se duma maneira maravilhosa.

Não só as igrejas, mas também as escolas. Tive a oportunidade de visitar o IAE — Instituto Adventista de Ensino — com os seus 2600 alunos nos vários graus de ensino. Neste colégio existe a Faculdade de Teologia, a Faculdade de Enfermagem e a Faculdade de Educação. Ali são preparados muitos dos obreiros do Brasil.

A nossa obra médico-missionária no Brasil é extraordinária.

Vários hospitais estão localizados ao longo do país. Pude visitar três deles. São Silvestre e S. Lucas, no Rio de Janeiro, e outro em S. Paulo. A influência que irradia destes hospitais é altamente positiva.

Ao Norte, nos grandes rios, as lanchas adventistas continuam a prestar a assistência requerida pelas populações ribeirinhas. Hospitais em vários estados completam a nossa rede de assistência médico-missionária.

*Ao ouvir os relatórios das divisões mundiais, especialmente sobre **Colheita 90**, não podemos deixar de constatar como o Senhor maravilhosa-*

mente está dirigindo vitoriosamente a Sua obra. O trabalho tem-se desenvolvido mais rapidamente nas América Central e do Sul, e nas regiões do Extremo-Oriente.

No entanto, embora com números mais modestos, também tem sido possível as nossas gotas ajudarem a encher o grande caudal de baptismos em todo o mundo.

Nas últimas semanas, temos realizado reuniões com os departamentais das igrejas, as quais continuarão ainda em Novembro e Dezembro.

Temos tido a oportunidade de colocar em contacto os departamentais da União com os departamentais das igrejas e isso tem sido muito positivo.

É necessário que todos os que têm uma responsabilidade nas igrejas se convençam da sua importância nesta grande Campanha, e que depende de nós torná-la vitoriosa.

Joaquim Morgado

FOGO ESTRANHO



E. LUDESCHER

Todas as vezes que leio a narração da trágica experiência dos filhos de Aarão, Nadab e Abiú, fico profundamente perturbado e impressionado.

«Os filhos de Aarão, Nadab e Abiú, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e puseram incenso sobre ele, e trouxeram fogo estranho perante a face do Senhor, o que lhes não ordenara. Então saiu fogo de diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor» (Levítico 10:1 e 2).

E. LUDESCHER

Presidente da Divisão Euro-Africana.

O leitor superficial pode estranhar a narrativa que estes versículos encerram. Por que razão os dois servos de Deus tiveram de ter um fim tão terrível? Eram sacerdotes do Deus Altíssimo, serviam ao Senhor dos exércitos no Seu santuário e tinham consagrado as suas vidas a esse ministério. Por conseguinte, porquê uma punição tão severa para uma falta tão leve?

Deus nos defenda de nos servirmos da Palavra de Deus de maneira superficial! Isso poderia ser-nos fatal, ou levar-nos a ser enganados, apesar de os escritos sagrados nos serem dados como fonte de luz e de bênção. A experiência de Nadab e de Abiú constitui uma solene advertência para cada um de nós.

Os grandes privilégios espirituais aumentam a nossa responsabilidade

Nadab e Abiú ocupavam, no seio do povo de Israel, a posição mais elevada a seguir a Moisés e Aarão. Desfrutavam por isso de inúmeros privilégios e vantagens do ponto de vista material e espiritual. Tinham ouvido a voz de Deus, tinham acompanhado Moisés e Aarão ao monte santo e tinham contemplado a Sua glória (ver Êxo. 24:9-11). Eles assistiam o seu pai na ocasião dos sacrifícios, levando-lhe o sangue dos animais (Lev. 9:8, 9). Tinham dado testemunho aquando da solene festa de dedicação do santuário e tinham recebido a aspensão do sangue purificador.

Eram homens favorecidos, gozando de prerrogativas excepcionais. Todavia, eles não tinham plena consciência destas prerrogativas, não as souberam reconhecer nem apreciar. Não tinham escusa.

Não somos nós, muitas vezes, como os filhos de Aarão, pela nossa maneira de servir, pela nossa atitude, pela nossa maneira de compreender? Temos nós, sempre, plena consciência dos privilégios e das bênçãos que recebemos, isto é, do facto de sermos «uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo adquirido», e convocados para proclamar as virtudes d'Aquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz? (ver I Ped. 2:9). Demasiado frequentemente, nós esquecemos que grandes honras espirituais aumentam igualmente a nossa responsabilidade.

Serviram a Deus com fogo estranho

Em que consistiu a falta de Nadab e Abiú? Por um lado, fizeram uma coisa que Deus não ordenara e, por outro, negligenciaram outra que Deus tinha mandado. Trataram levemente a Palavra do Senhor, bem como os Seus ensinamentos. Segundo Levítico 16:12 e 13, o fogo devia ser tomado do altar de ouro do incenso, o qual fora acendido pelo próprio Deus; era, pois, fogo santo. É permitido admitir-se que os filhos de Aarão tinham tomado para os seus incensários brasas do fogo que servia para preparar o alimento dos sacerdotes, isto é, do exterior do santuário. Não fora Deus quem acendera esse fogo e essa é a razão pela qual ele era estranho. A causa da sua falta de observação e de escrúpulo para com o que Deus tinha ordenado é-nos revelada na narrativa bíblica (Lev. 10:8-11). Estando sob a influência do álcool, os filhos de Aarão não mais estavam em estado de diferenciar as coisas santas das profanas. Quanto a mim, acho que a razão aqui apresentada constitui um dos mais convincentes argumentos segundo os quais nós, como adventistas do sétimo dia — o povo de Deus nos últimos tempos — devemos abster-nos de toda a bebida alcoolizada. Enquanto os sacerdotes da antiga aliança estavam diante de

Deus para o seu sacrifício apenas a certas horas do dia, nós devemos, pelo contrário, no sentido do sacerdócio novo-testamentário, oferecer-Lhe ininterruptamente o nosso ministério. A cada instante da nossa existência, nós encontramos-nos em função diante de Deus. Tendo em conta este facto, as palavras de Deus dirigidas a Aarão e seus filhos, dizem-nos também respeito:

«Vinho, nem bebida forte, tu e teus filhos contigo não bebereis, quando entrardes na tenda da congregação, para que não morrais; estatuto perpétuo será isso, entre as vossas gerações; e para fazer diferença entre o Santo e o profano, e entre o imundo e o limpo,...» (Lev. 10:9, 10).

É trágico considerar ligeiramente as instruções de Deus. É extremamente perigoso brincar com a insinuação da antiga serpente: Deus disse, de facto, que...? Será isso o que Deus quer dizer realmente? Será que o Todo-Poderoso Se preocupa verdadeiramente com esses pormenores? Para Ele, é de facto tão importante que eu guarde o Sábado de um pôr-do-sol ao outro? Será mesmo absolutamente essencial que eu me abstenha completamente de bebidas alcoólicas? Que dê a Deus o dízimo de todas as minhas receitas? Não estará Deus disposto a fechar os olhos, de tempos a tempos? Na realidade, estas perguntas e pensamentos semelhantes apresentam-se sempre no nosso espírito. A teologia liberal de hoje convida-nos literalmente a pensar assim. Teria assim tanta importância que Nadab e Abiú se servissem do fogo que o próprio Deus tinha acendido?

Os filhos de Aarão usaram «fogo estranho». Esta acção foi-lhes fatal. Eles tinham acendido os seus corações noutros altares que não o altar divino.

A Bíblia menciona várias pessoas — servos de Deus até — que tentaram oferecer-Lhe «fogo estranho»:

Caim — na sua teimosa desobediência. O Senhor ordenara sacrifícios de sangue, mas ele apresentou os frutos das suas colheitas.

Moisés — desejoso de libertar o seu povo e que, por essa razão, cometeu um assassinio. Foi então que Deus teve que enviá-lo para o deserto de Midian durante quarenta anos. Lá, o «fogo estranho» extinguiu-se.

Jonas — que tomou a fuga diante do Senhor e diante da missão que lhe fora confiada; mas, depois, anunciou friamente aos ninivitas a destruição da sua cidade e ficou encolerizado quando Deus manifestou a Sua piedade.

Pedro — quando disse a Jesus: «Senhor, de modo nenhum te acontecerá isso».

Saulo de Tarso — que, no seu furor cego, investia contra os cristãos.

Ananias e Safira — não dando ao Senhor senão uma parte do dinheiro que tinham decidido consagrar-Lhe.

Com que fogo servimos nós a Deus?

Nos nossos dias, há também «fogo estranho», não-somente no mundo, mas, infelizmente, igualmente na nossa vida e no nosso ministério, nas nossas famílias e nas nossas igrejas. Será que eu exagerei ao dizer isto? Não creio. Dos nossos pecados escondidos, de que não nos arrependemos e que, por conseguinte, não foram perdoados, ninguém sabe nada. Mas Deus conhece-os. «Fogo estranho». A tendência perigosa que consiste em querer imitar o mundo em tudo é, segundo a exortação do apóstolo Paulo em Romanos 12:1 e 2, «fogo estranho».

O fanatismo, o extremismo, o perfeccionismo que encontramos nas nossas fileiras e que, no fim de contas, passam ao lado do Evangelho, são para mim «fogo estranho».

O liberalismo de que a teologia moderna faz alarde, que põe tudo em questão e deixa atrás de si só ruínas no que respeita à fé, que espalha a insegurança e paralisa a pregação dinâmica, é «fogo estranho».

Penso também nas falsas prioridades. A proclamação da mensagem que Deus nos confiou é de uma necessidade absoluta. Muitas vezes, nós estamos tão ocupados com coisas importantes, ou até mesmo com coisas inúteis, que não temos tempo para a única coisa indispensável. Isso é «fogo estranho»!

Quando bebemos em fontes impuras, como emissões radiofónicas ou televisivas dúbias, ou quando nos entregamos a leituras propícias a enfraquecer — ou até a minar — a nossa vigilância espiri-

tual e mental, bem como a nossa capacidade de discernir, então brincamos perigosamente com o «fogo estranho».

É perturbador ter de constatar que existem lares adventistas onde não se encontra altar consagrado aos cultos da manhã e da tarde, à oração em comum e ao estudo da Palavra de Deus. Também isso é «fogo estranho».

Se a igreja não vive senão para si própria, se chega a vegetar e a deixar de existir para os outros, para o mundo, é que as flamas de um «fogo estranho» brilham mais alto.

Poderíamos continuar a lista. O que é de recear com o «fogo estranho» é que não saibamos detectá-lo; é que acabemos por considerá-lo fogo santo e que vivamos tranquilamente com a nossa ilusão. Porque não oraremos nós ao Senhor para que Ele nos mostre e nos revele em que lugar, na nossa vida pessoal, nas nossas famílias ou nas nossas igrejas, arde um «fogo estranho» que absorve o nosso serviço, consome as nossas forças, destrói toda a espiritualidade e nos torna semelhantes ao «metal que soa ou ao sino que tine».

Deveríamos também pedir a Deus que nos ajudasse a fim de que o «fogo estranho» se extinga em nós, e que um fogo santificante, o fogo do Espírito Santo, nos alumie e arda em nossos corações. Este fogo sagrado, acendido pelo próprio Senhor, não pode brilhar senão onde os crentes vivam em comunhão estreita com o Céu, quando tomem o tempo de estudar e de meditar as Sagradas Escrituras, de elevarem ao trono da graça orações sinceras e de comunicarem aos homens a boa nova da salvação em Cristo Jesus. Desejo-o para mim e para todos os leitores da Revista Adventista. Que todos possamos viver a experiência do profeta Isaías, relatada no seu livro, capítulo 6 e versos 1 a 9. □

JANELAS SOBRE O MUNDO

Piedade e Saúde

Diz o sábio que os caminhos da sabedoria «são caminhos de delícia, e todas as suas veredas paz» (Prov. 3:17). Muitos abrigam a impressão de que o devotamento a Deus seja lesivo à saúde e à radiante felicidade nas relações sociais da vida. Aqueles, porém, que andam no caminho da sabedoria e da santidade descobrem que «a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir». (I Tim. 4:8). Estão vivos para a satisfação dos prazeres reais da vida, enquanto não se afligem com o remorso vão por causa do mau emprego das horas, nem com a depressão e horror mental, como ocorre muitas vezes com o mundano quando não é desviado por algum prazer excitante. ...

A piedade não conflita com as leis da saúde, mas está de harmonia com elas. Tivessem os homens sido sempre obedientes à lei dos Dez Mandamentos, tivessem posto em prática na vida os princípios desses dez preceitos, não existiria a

maldição das doenças que inundam agora o mundo. Podem os homens ensinar que os divertimentos frívolos são necessários para conservar a mente longe do alcance do desânimo. Pode a mente, de facto, ser desviada dessa forma no momento; ao passar, porém, a excitação, vem a reflexão calma. A consciência desperta e faz ouvir a sua voz, dizendo: «Não é esta a maneira de se obter saúde ou verdadeira felicidade.»

Muitos divertimentos há que excitam a mente, mas é certo que a depressão virá a seguir. Outros meios de recreação são inocentes e saudáveis; o trabalho útil, porém, que proporciona exercício físico, exercerá muitas vezes influência mais benéfica sobre a mente, ao mesmo tempo que fortalece os músculos, melhora a circulação e prova-se um poderoso instrumento na recuperação da saúde. — *Conselhos Sobre Saúde*, p. 627.



A Voz do Perdão

GARY B. PATTERSON

Perdoar simplifica a vida, porque evita a necessidade de vingança. A única maneira de saldar agravos é perdoar.

Duas montanhas se erguem na Palestina. Uma é o Monte das Beatitudes [Monte das Bênçãos, segundo o original], e a outra é o Lugar da Caveira, o Gólgota. A importância destas montanhas não provém do seu tamanho, mas do facto de nelas ter Deus falado.

Na primeira, Ele falou-nos de misericórdia e perdão para que pudéssemos ter vida. Na segunda, Ele perdoou-nos e em misericórdia e amor morreu pelos nossos pecados, a fim de que pudéssemos viver. As mãos que numa das montanhas se estenderam em bênção à multidão são as mesmas que na outra se estenderam na morte pela multidão.

Jesus sofre a zombaria do sumo-sacerdote, dos soldados e do povo. Mesmo os que passam na estrada perto escarnecem da Sua condição: «Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo!» dizem uns para os outros, falando verdade, sem o saberem. Porque, de facto, para salvar os outros, Jesus não podia salvar-Se. Para a multidão, salvar significava evitar a morte, mas para Jesus significava dar a Sua vida pelo mundo.

A multidão inconstante, que um dia se assentara ao alcance daquelas mãos abençoadoras no Monte das Oliveiras e que gritara: «Hosana ao Filho de David» no princípio da semana, troça d'Ele agora, zomba da Sua angústia. Mais uma vez, vão ao sabor da corrente popular do momento. Mãe, amigos e discípulos sentem-se esmagados pela dor e pelo medo, ao verem aquela multidão excitada. Os companheiros de Barrabás praguejam e lutam para evitar a cruz, enquanto os soldados lhes batem e os ligam violentamente ao seu instrumento de suplício e morte. Entre aqueles dois, Jesus toma o lugar de Barrabás, que simboliza todos nós — proscritos do governo de Deus.

Jesus prontifica-Se, sem resistência, a tomar o nosso lugar. Quando Lhe oferecem a bebida composta de ópio habitual nessas ocasiões, Ele rejeita-a. Esta recusa de entorpecer os Seus sentidos fala a uma geração que a todo o custo quer escapar à rea-

lidade, usando drogas que alteram a consciência e embotam os sinais de advertência de doença moral ou física.

Cruelmente, Ele é pregado à cruz. O martelo enterra os pregos na Sua carne e fixa-os ao rude madeiro. Maria não consegue suportar esta cena e desmaia. Os discípulos, abatidos também, levam-na para longe do cruel cenário.

O processo da crucifixão está em marcha. Mas, enquanto isso, ouve-se a voz de Jesus: «Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem». Nesta hora suprema, de grande aflição e angústia, Ele pensa menos no Seu sofrimento do que naqueles que O supliciam.

Jesus pede perdão para eles — exemplo extremo e fundamental da Sua doutrina, demonstrando na morte o que pregara naquele outro Monte, quando dissera: «Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia... Bem-aventurados os que sofrem perseguições por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus» (Mat.5:7-10). «Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem» (Versos 43 e 44). «Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdorei? Até sete? Jesus lhe disse: Não te digo que até sete, mas, até setenta vezes sete» (cap. 18:21, 22).

Só à luz do Gólgota podemos compreender o perdão. Jesus perdoa aos Seus algozes no próprio momento em que está a ser pregado à cruz. Enquanto sofre a angustiante dor da Sua carne a ser rasgada, Ele perdoa os que levantam a cruz e a colocam na posição vertical, atirando-a para o buraco que lhe servia de base. «Pai, perdoa-lhes», diz Ele quando a frenética multidão O injuria e clama contra Ele. «Pai, perdoa-lhes», murmura enquanto lançam sortes sobre as Suas vestes, ali mesmo, aos pés da cruz.

O jogo dos dados declara que os que estão na cruz não têm qualquer saída, não precisam de roupa. As vestes, que um dia tinham trazido cura só pelo facto de serem tocadas, tornam-se o prémio de um jogo de dados. Mas não trazem ao seu novo possuidor a mesma bênção que derramara sobre os outros, porque as bênçãos recebem-se pela fé, não pela ganância da posse.

O perdão estava ainda ao seu alcance

Se o perdão não estivesse ainda ao alcance daquela multidão de algozes, Jesus não o teria pedido. Para os soldados, para a multidão, para os sacerdotes, Pilatos, Herodes, para cada um deles, o perdão foi colocado ao seu alcance naquele dia, mesmo num momento de angústia e morte. Os soldados não sabiam o que estavam a fazer. E a multidão ti-

GARY B. PATTERSON

Presidente da Associação Georgia-Cumberland

nha, quando muito, uma pálida ideia do significado dos acontecimentos. Os sacerdotes e principais do povo poderiam ter sabido mais, mas tinham decidido que não. Contudo, a todos eles, Jesus ofereceu perdão. Não que isto desculpasse a sua ignorância, ou justificasse as suas acções, mas porque o amor torna o perdão disponível quando mais necessário.

Cada um daqueles que não receberam perdão naquele dia deveu a sua condição de perdido à sua falha em tê-lo aceitado, não ao facto de não haver perdão para eles. A esta luz, começamos a compreender a grandeza do perdão e amor de Deus. Jesus disse: «Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores». Deus não nos diz: «Se tu não perdoares aos outros, não te perdoarei a ti», como um suborno ou ameaça, mas como a constatação de um facto. Aqui opera um princípio mental e psicológico. Apenas aceitamos o perdão quando estamos dispostos a concedê-lo. Se não perdoamos, tornamo-nos impossibilitados de receber o perdão de Deus ou dos outros, sendo incapazes de crer que os outros nos perdoam. Assim como acontece com o amor, não podemos receber o perdão a menos que o demos.

O perdão do pecado não requer nenhum período de espera. Deus não está zangado conosco; não precisamos de apaziguá-l'O. Ele não nos volta as costas nem por um momento sequer, mas está sempre pronto a perdoar, mesmo enquanto estamos ainda pecando.

Pedro soube por experiência o que era esta espécie de perdão naquela noite do julgamento. «Mesmo que todos Te deixem» dissera ele a Jesus, «eu nunca Te deixarei!» Como esta atitude mudou poucas horas depois!

Desejando parecer tão desligado quanto possível dos acontecimentos, Pedro juntou-se à multidão que se aquecia à volta do fogo. A essa bruxuleante claridade, uma das mulheres perguntou-lhe se ele era discípulo de Jesus. Pedro contornou a pergunta, mas ela voltou a pressioná-lo uma e outra vez até que ele, finalmente, praguejando, negou todo e qualquer contacto com o Mestre. Nesse preciso momento, o galo cantou, e Jesus que estava a ser julgado, voltou-Se e olhou-o nos olhos.

Pedro sabia o que merecia: ser banido da amizade e do reino de Cristo como um traidor. Mas Jesus não o vai tratar como ele merece: olha para ele com amor e com piedade. Não pronuncia qualquer palavra, mas aquele olhar encerra toda a compaixão e todo o perdão do Céu. Aquele olhar diz: «Pedro, lamento o que acabas de fazer. Eu perdo-te, e agora vou a caminho da morte, para morrer pelo pecado que acabas de cometer.» Que infinito amor, que insondável perdão, não só para Pedro, mas para cada um de nós!

«Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça» (I João 1:9). Para que confes-

sar? Não confessamos que somos pecadores para informar Deus de algo que Ele já sabe, mas para mostrar que reconhecemos a nossa condição. Assim, somos levados a abrir os nossos corações ao amor e perdão.

Aquele que é o ofendido paga o preço

Um princípio do perdão declara que aquele que é o ofendido é que paga o preço. Se, por acaso ou intenção, infligimos qualquer dano a outra pessoa, podemos ser perdoados, mas o outro continua a sofrer.

O perdão típico diz: «Perdo-te se deixares de fazer isso, se admitires que não tens razão.» Mas perdão com um preço não é perdão nenhum: é chantagem. Deus perdoa como se não tivéssemos pecado e olha para nós como perfeitos. Ele oferece perdão enquanto estamos ainda pecando, e não apenas quando deixámos de pecar.

Perdoar simplifica a vida, porque evita a necessidade de vingança. As contendas loucas são esquecidas, e as zangas são absorvidas pelo amor. A única maneira de saldar agravos é perdoar. «O amor não tem maus modos nem é egoísta. Não se irrita nem pensa mal. O amor não se alegra com uma injustiça causada a alguém, mas alegra-se com a verdade» (I Cor. 13:5, 6, versão «A Boa Nova Para Toda a Gente»).

A vingança não resolve nada, só leva a mútua destruição. A beleza do perdão consiste no facto de que ele é dado, e não merecido. Quando estamos dispostos a aceitar perdão, Deus está disposto a concedê-lo. E estaremos dispostos a aceitá-lo quando tivermos aprendido a perdoar.

Uma das mais estranhas actas prisionais de que há registo teve como sujeito Martin Dalton, que passou 63 anos atrás das grades e morreu na prisão estatal de Rhode Island em 1960, com a idade de 91 anos, por um assassinio cometido num assalto.

Depois de cumprir 33 anos da sua sentença, ele recebeu um perdão e, aos 61 anos de idade saiu da prisão como um homem livre. Mas Martin não tinha emprego, os seus amigos e familiares tinham todos morrido ou tinham-se mudado, e em breve ele estava de volta aos portões da prisão, pedindo para o deixarem entrar. Os guardas não sabiam o que fazer. Por isso, após considerável discussão, o caso chegou ao Supremo Tribunal, que emitiu o seguinte parecer: «Um perdão é um papel cujo valor depende da aceitação da pessoa a quem é concedido. Se for recusado, deixa de ser um perdão».

Há um perdão para todos os pecadores. O preço já foi pago. O perdão está à nossa disposição, mas não terá qualquer utilidade se não for aceite por nós. Duas montanhas se erguem na Palestina. Uma é o Monte das Beatitudes, a outra, o Lugar da Caveira. De ambas aprendemos o que significa perdoar — e ser perdoado. □

VITÓRIA



SOBRE A MORTE

JOHN M. FOWLER

O que a Bíblia diz sobre a alma e o estado dos mortos

Há alguns anos, a nossa família foi morar na Índia, numa casa que não tinha grandes comodidades. Sentíamos a falta de muitas coisas a que estávamos habituados, como por exemplo, armários incorporados nas paredes.

Contratámos um carpinteiro que nos fez um guarda-roupa e, uma semana mais tarde, já ele estava

instalado na nossa casa, novo e brilhante, pronto a cumprir as funções para que fora feito. Todavia, algum tempo depois, tivemos de mudar novamente de casa e desta vez ela tinha diversos armários e guarda-roupas já instalados. Decidimos dismantelar o nosso e guardar a madeira para qualquer uso futuro. O mesmo carpinteiro fez o trabalho e até nos devolveu os pregos num embrulho.

Alguns dias depois de termos desmanchado o móvel, a minha filha de quatro anos perguntou-me:

— Papá, onde está o guarda-roupa?

Se eu lhe tivesse respondido que estava nas mãos do carpinteiro, teria mentido. Se lhe tivesse

dito que estava na madeira e nos pregos, teria feito papel de tolo.

Bem, eu não queria ser uma coisa nem outra. De modo que dei à menina a única resposta que lhe podia dar:

— O guarda-roupa já não existe! Tão simples como isso. Deixara de existir!

Contudo, quando se formula a pergunta: «Onde está a alma depois da morte?» a maioria dos cristãos afirma que foi para o céu ou para o inferno, ou que está em qualquer lugar intermédio.

À luz dos explícitos ensinamentos da Bíblia, uma tal resposta é tão falaz como dizer que o guarda-roupa está com o carpinteiro ou nas placas de madeira.

JOHN M. FOWLER

Departamental de Educação da Divisão Sul-Asiática com sede em Poona, na Índia.

1. Que é a alma?

Examinemos o texto bíblico.

O Génesis, primeiro livro da Bíblia, oferece-nos o relato da origem de tudo, incluso da alma. Os cristãos não podem pôr em questão a autenticidade do relato do Génesis, porque o próprio Cristo aceitou a história da criação do homem como uma verdade histórica (ver Mat. 19:4). Para o crente, esta é uma razão suficiente para crer que o Génesis não é nem uma parábola nem uma tradição mítica, mas uma narração histórica genuína da origem do homem.

Esta história é o registo simples do poder divino:

«E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente» (Gén. 2:7).

Deus tomou o pó da terra e deu-lhe uma forma particular, soprou nele o poder vivificante e surgiu o homem — a alma vivente! A fórmula é a seguinte: corpo + sopro de vida = alma vivente. Assim, vemos que no acto da criação, Deus não pôs uma entidade independente chamada «alma» no corpo do homem. *O homem é a alma. Por isso, quando a Bíblia fala da alma, não fala de uma entidade independente do corpo do homem, mas sim do próprio homem na sua totalidade.*

Isto torna-se ainda mais claro considerando o significado da palavra hebraica *néfesh*, que se traduz como «alma» na nossa Bíblia. O significado literal da palavra é «aquele que respira». A palavra também se traduz como «pessoa», «mente», «criatura», «coração», «vontade», e de outras diferentes maneiras. (ver Gén. 14:21; Deut. 18:6; Lev. 11:46; Prov. 23:7; Ezeq. 16:27; I Reis 19:4.) Estas diferentes traduções mostram-nos claramente que a alma não é uma entidade separada, mas representa um ser vivente.

Por exemplo, em Êxodo 1:5, fala-se de setenta «almas» que «saíram da coxa de Jacob». Certa-

mente, isso não pode significar setenta substâncias sem corpo, imateriais. Significa simplesmente setenta pessoas, como está traduzido nas outras versões. Poderiam citar-se dezenas de outras passagens, mas estas devem bastar para pontualizar o facto de que *em nenhuma parte de Bíblia se fala de alma como uma entidade independente do homem*. A alma não existe por si mesma. A alma é o homem. O homem é a alma.

2. Qual é a natureza da alma?

Também sobre este ponto a Palavra de Deus é clara. Nunca fala de uma alma que viva para sempre. A Adão e Eva foi fito claramente: «Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.» (Gén. 2:17). A vida de Adão e Eva dependia da sua contínua obediência aos requisitos divinos. Deus não criou Adão e Eva como seres imortais. Não os criou para que morressem. Fê-los para que vivessem eternamente, na condição de exercerem sabiamente o seu livre arbítrio e de se colocarem continuamente ao lado de Deus.

Se Adão e Eva não tivessem pecado, certamente que a história do mundo teria sido diferente. O pecado não reinaria e a morte não teria tido lugar. Mas o homem pecou: «Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim, também, a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram» (Romanos 5:12).

Todos os seres humanos estão assim sujeitos à morte. «A alma que pecar, essa morrerá» (Ezeq. 18:20). Deus é santo. A imortalidade é unicamente Sua. As Escrituras declaram que Ele «é o único que tem imortalidade» (I Tim. 6:16). Mas graças a Deus que a Bíblia também declara que a graça «se manifestou pela aparição de nosso Salvador, Jesus Cristo, o qual aboliu a morte, e trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho» (II Tim. 1:10).

A posição bíblica é clara. Através de Jesus Cristo e só mediante Ele, os filhos de Adão poderão obter imortalidade. A vida eterna não é inerente ao homem; na realidade, ele não tem direito a ela. A Palavra de Deus não deixa lugar para dúvidas sobre este assunto. Podemos investigar os 66 livros das Sagradas Escrituras e não encontraremos nenhum versículo que apoie a doutrina da imortalidade da alma. Por outro lado, uma grande quantidade de passagens testificam quanto ao que acontece ao homem quando ele morre. Eis algumas:

1. Ao morrer, termina o processo de pensar: «Sai-lhes o espírito e eles tornam-se em sua terra: naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos» (Salmo 146:6).

2. Os mortos não têm qualquer parte no que se faz na terra. «Porque os vivos sabem que hão-de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tão-pouco eles têm jamais recompensa, mas a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Até o seu amor, o seu ódio e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma neste século, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol» (Eccl. 9:5-6).

3. Na sepultura «não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma» (Eccl. 9:10).

4. Ao morrer, o homem perde a capacidade de ter companheirismo com Deus. «Os mortos não louvam ao Senhor» (Salmo 115:17).

Vemos pois que a experiência da morte é a antítese da vida. Tudo o que está presente na vida se encontra ausente na morte. Tudo o que faz com que o homem seja o que é — cessa no momento da morte. O homem morre total e completamente.

3. Que acontece à alma ao morrer?

Que acontece então à alma, no momento da morte? A pergunta é semelhante à que fez a minha fi-

lha: «Onde está o guarda-roupa?» A madeira e os pregos, convenientemente dispostos e unidos, deram-nos o mencionado móvel. Quando se separaram os elementos constitutivos, que aconteceu? O guarda-roupa não está na madeira e nos pregos e certamente também não está com o carpinteiro, mas o carpinteiro tem o poder de refazê-lo. A analogia é também válida para a alma. Vimos que o corpo mais o poder vivificador de Deus deram como resultado a alma vivente. No momento da morte, o poder de Deus retira-se e Ele dispõe que «o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu» (Ecles. 12:7). Este espírito que regressa a Deus não é a alma. O espírito é o alento vital, o fôlego que procede de Deus, o poder vivificante do Criador, sob cuja generosa providência «vivemos, e nos movemos, e existimos» (Actos 17:28). Quando este espírito ou fôlego de vida se retira, produz-se a morte, e o homem, descrito em Génesis 2:7 como «alma vivente», deixa de existir. A alma deixa simplesmente de ser. Não está no pó. Mas uma coisa é certa: Deus tem o poder de refazê-la ou, para usar a frase bíblica, «ressuscitar» o corpo e trazer os mortos novamente à vida.

A certeza da ressurreição é a resposta de Deus ao problema da morte. Com esta esperança de

ressurreição enfrentou Job o mistério da vida e da morte. Eis as suas palavras: «Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias do meu combate esperaria, até que viesse esta minha mudança.... Eu sei que o meu Redentor vive e que, por fim, se levantará sobre a terra. E, depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus» (Job 14:14; 19:25-26).

O apóstolo Paulo assegura-nos: «Porque o mesmo Senhor descerá do céu, com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras» (I Tessalonicenses 4:16-18).

Notemos as palavras «consolai-vos uns aos outros». O cristão deve enfrentar a morte não se enganando a si mesmo com a doutrina fictícia da supervivência da alma, mas descansando na segura promessa divina da ressurreição.

Para os homens da Bíblia, a vitória sobre a morte não se encontra na doutrina da imortalidade da alma, mas na ressurreição dos mortos. A mensagem da ressurreição é básica para a proclamação cristã. Não há qualquer enigma nesta mensagem: «Julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?» (Actos 26:8) — perguntou Paulo ao rei Agripa.

4. Pode a alma viver outra vez?

A credibilidade da esperança da ressurreição baseia-se na verdade histórica da ressurreição de Cristo. O apóstolo expõe esta verdade de forma vigorosa: «Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns de entre vós que não há ressurreição de mortos? E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou; E, se Cristo não res-

suscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim, também, todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na Sua vinda (I Cor. 15:12-14; 20-23).

Aqui temos a magna carta do cristianismo a respeito da vitória sobre a morte. Porque Ele vive, também nós viveremos (ver João 14:19). Se o apóstolo Paulo tivesse crido na imortalidade da alma, decerto não teria apresentado de forma tão vigorosa o tema da esperança da ressurreição. *Se a alma fosse para a presença de Deus no momento da morte, então que necessidade haveria de ressurreição?* Permitamos que Paulo fale de novo: «Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados... Porque convém que isto que é corruptível, se revista da incorruptibilidade, e que isto, que é mortal, se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?» (I Cor. 15:51-55).

Podemos imaginar essa gloriosa manhã da ressurreição, quando uma imensa multidão de filhos de Deus, desde Adão até ao último ser humano na história, ouvirão as palavras do Dador da vida e ressurgirão vitoriosos sobre a morte? Elevar-se-á ao trono de Deus um grandioso coro de louvor e agradecimento: «Mas, graças a Deus, que nos dá a vitória, por nosso Senhor Jesus Cristo» (I Cor. 15:57).

Quão glorioso será o dia da ressurreição! □

OPERAÇÃO INTERCESSÃO

4.º Trimestre 1986

*COLHEITA 90

* A Obra na Suíça

- a) População: 6.531.000
- b) Igrejas: 58
- c) Membros: 4.071

* Reavivamento no culto familiar diário, bem como no estudo pessoal das Sagradas Escrituras

** Campanha de Evangelização de Elvas

O que haverá para além do túmulo

M. N. CORDEIRO

Estamos no mês de Novembro, por excelência o mês da saudade. As pessoas costumam, particularmente nos primeiros dias, visitar os cemitérios numa romagem de saudade aos seus entes queridos mortos aí sepultados, e depor flores e lágrimas sobre as suas campas. É uma experiência que se repete todos os anos e que comove os corações saudosos dos visitantes.

Quando o rei Jorge VI da Inglaterra faleceu em 6 de Fevereiro de 1952, alguns membros da família real, entre eles a rainha-mãe e o pequeno príncipe Carlos, estavam a passar uns dias no palácio de Sandringham. A notícia da morte do soberano espalhou-se rapidamente por toda a parte, e foi imediatamente comunicada aos membros da família real que estavam em Sandringham. Estes reuniram-se numa sala do palácio e estavam pranteando o amado rei, quando o príncipe Carlos entrou. O menino parou, surpreso, e depois de uns momentos de hesitação, perguntou porque estavam a chorar.

— Estamos a chorar — respondeu a avó — porque o avô se foi.

— Para onde? Para onde se foi o avô?

Como responderíeis vós a esta pergunta? Para onde vão os nossos entes queridos quando a vida deixa de fluir no seu ser? O que há para além do túmulo?

Esta é uma pergunta crucial que sempre tem atormentado o homem através dos tempos, a qual requer uma resposta positiva, clara, sem contornos ou evasivas, pois nada menos do que isso pode satisfazer a angústia do coração que interroga: Para onde?

A natural ansiedade do homem é viver e não morrer. Por isso não admira que deseje saber o que há para além do túmulo.

A esta pergunta crucial muitas respostas têm sido dadas através dos séculos, respostas que podemos resumir em quatro categorias principais:

1. *Materialista*: afirma que tudo acaba na morte, isto é, desfeito o corpo na sepultura, nada mais há a esperar.

2. *Céptica*: Não afirma nem nega a imortalidade. Os que advogam esta teoria vivem na incerteza e morrem na dúvida.

3. *Filosófica*: Afirma que quando se dá a morte do corpo, a alma se separa deste e assim liberta do corpo passa a viver numa esfera superior à nossa e numa eterna felicidade. Esta era a crença

das antigas civilizações do Egipto e de todo o Médio Oriente, que depois se transmitiu para a civilização grega e romana e destas para outras civilizações, e que prevalece ainda nos nossos dias numa grande parte da humanidade e mesmo em muitos meios cristãos da civilização ocidental. Esta era também a crença dos povos bárbaros que invadiram a Europa e bem assim dos povos autóctones da Ásia, Africa, América e das ilhas do Pacífico.

Os antigos egípcios, por exemplo, embalsamavam os corpos dos seus mortos a fim de que a alma, após a sua transmigração fora do corpo, pudesse para ele voltar. Mas tal facto jamais se deu e a prova disto temo-la nas várias múmias que hoje podemos observar nos Museus do Cairo, Chicago, Londres, Genebra, etc., algumas das quais com mais de 3 500 anos.

4. *Bíblica*: afirma que a morte é como um sono, e que os mortos não têm consciência alguma do que se passa debaixo do sol. Que só volta a haver vida mediante a ressurreição. (Ver Ecl. 9:5-6; I Tess. 4:13-17).

Quando, na Bíblia, se faz referência à morte de um justo, diz-se que «dorme» ou «adormeceu» (por exemplo, Det. 31:16; I Reis 2:10; Actos 7:60; I; I Cor. 15:20, 51). Fala-se dos crentes já falecidos como sendo «os que em Jesus dormem» (I Tess. 4:14). A própria palavra cemitério (no grego «Kometérion», do verbo «Koimáo», deitar-se, dormir) significa precisamente lugar para dormir.

Cristo referiu-se à morte nestes termos: «Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono. Disseram pois os seus discípulos: Senhor, se dorme, estará salvo. Mas Jesus dizia isto da sua morte; eles, porém, cuidavam que falava do repouso do sono. Então Jesus disse-lhes claramente: Lázaro está morto» (João 11:11 a 14). E o mesmo Cristo se referiu à ressurreição nos seguintes termos: «Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação» (João 5: 28 e 29).

Este mesmo ensino foi continuado pelos apóstolos. Paulo, ao escrever aos crentes tessalonicenses, dizia-lhes: «Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele. Dizemo-vos, pois isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do Céu com alarido, e com a voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, sere-mos arrebatados juntamente com eles nas nu-

M. N. CORDEIRO

Pastor da Igreja de Leiria

vens a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor». (I Tess. 4:13-17).

À ressurreição, como única esperança de vida após a morte, dedicou ele ainda um capítulo magistral — o capítulo 15 da sua primeira epístola aos Coríntios. Nesse capítulo o apóstolo, a fim de convencer os que pudessem duvidar, diz o seguinte: «Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, ... e também os que dormiram em Cristo estão perdidos» e «somos os mais miseráveis de todos os homens». «Mas», continua, «Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias de todos os que dormem. Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque assim como todos os homens morrem em Adão, também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo na Sua vinda». (Versículos 12-23).

Perguntará alguém: Mas quando se dará a ressurreição? A resposta encontra-se nas palavras do apóstolo, atrás citadas, «na Sua vinda», que Cristo utilizou certa vez: «A vontade do Pai que me enviou é esta: que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia. Porquanto a vontade d'Aquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho e crê nele tenha a vida eterna; e eu o ressuscita-

rei no último dia» (João 6:39-40). E quando será a «Sua vinda» e o «último dia»? Quanto a esse dia, o próprio Cristo disse o seguinte: «Porém daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do Céu, nem o Filho, mas unicamente meu Pai» (Mat. 24:36). No entanto, um pouco antes no mesmo sermão da montanha, Ele dissera: «Aprendei pois a parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o Verão. Igualmente, quando virdes todas estas coisas, (terremotos, fomes, pestes, guerras e rumores de guerra, anteriormente referidos), sabeis que Ele está próximo às portas» (Mat. 24:32-33).

Jesus encarnou a fim de dar vida aos homens: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (João 3:16). E o próprio Jesus disse: «Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância» (João 10:10).

Ora, essa vida que Jesus veio outorgar aos homens só será recebida, não imediatamente após a morte como vimos, mas no momento da ressurreição. Segundo as palavras de Cristo atrás citadas, bem como as do apóstolo Paulo, é na altura da ressurreição, e não imediatamente após a morte, que os salvos receberão a recompensa.

Este ensino tem sido igualmente imortalizado através dos séculos nas palavras do chamado e bem conhecido Credo

Apostólico: «Creio em Deus Pai e em Seu único Filho, Jesus Cristo, que padeceu, foi morto e crucificado sob Pôncio Pilatos, desceu aos infernos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao Céu, está sentado à direita de Deus Pai, *donde há-de vir a julgar os vivos e os mortos, creio na ressurreição da carne, na vida eterna,*

amén» (Itálico meu).

Que haverá para além do túmulo? Creio que há, sim, vida após a morte. Não porém através de uma imortalidade consciente da alma, mas sim mediante uma gloriosa ressurreição pelo poder e por ocasião da vinda gloriosa de Cristo, o Vencedor da Morte. □

ESTUDO BÍBLICO

VIDA APÓS A MORTE

«Disse-lhe Jesus: *Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá*» (João 11:25).

1. Que elementos usou Deus para fazer o homem?

Resposta: Pó da terra e o fôlego da vida. (Gén. 2:7)

2. Quando o homem morre que acontece ao corpo?

Resposta: Volta ao pó da terra. (Gén. 3:19; Ecl. 12:7)

3. Que acontece ao «fôlego da vida» ou espírito, ao morrer alguém?

Resposta: Volta ao Deus que o deu. (Ecl. 12:7).

(Espírito é tradução da palavra hebraica RUACH, que pode significar: espírito, fôlego, vento, emoções de várias espécies, etc.)

4. Que acontece à actividade intelectual do homem quando ele morre?

Resposta: Cessa completamente. (Sal. 146:3, 4)

5. Será que os que morrem sabem o que se passa no mundo dos vivos?

Resposta: Nada podem saber. Segundo a Bíblia: ...«Os vivos sabem que não-de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma...». Até o seu amor, o seu ódio e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma neste século, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol. (Ecl. 9:5-6)

6. A que comparou Jesus a morte?

Resposta: Ao sono. Ao estado de inconsciência no qual nos encontramos quando dormimos. (João 11:11-14)

7. Qual o significado da palavra cemitério?

Resposta: A palavra cemitério em grego «KOIMETÉRION» derivada do verbo «Koimao», deitar-se, dormir, significa «lugar para dormir; dormitório».

8. O sono da morte durará para sempre?

Resposta: Não. Jesus prometeu que todos haveriam de ressuscitar. (João 5:28,29)

9. Quando se dará então essa ressurreição prometida?

Resposta: a) A primeira, a dos justos, quando Jesus vier pela segunda vez a esta Terra. (I Tess. 4:16); b) a segunda, a dos ímpios, mil anos depois da primeira.) (Apoc. 20:5)

10. Como pois poderemos obter a vida eterna, vencendo assim a morte?

Resposta: Credo em Jesus e aceitando-o como a fonte da vida.

Nota: Jesus veio a esta terra para desfazer aquilo que o Diabo tinha feito. Pela transgressão da lei de Deus, passou a haver o sofrimento e a morte.

Mas, graças ao sacrifício de Cristo e à Sua vida sem pecado, Ele abriu o caminho que nos conduz ao lar do Céu, aonde não mais haverá nem pranto, nem dor, nem morte.

Apenas se confiarmos e aceitarmos a Jesus como nosso Salvador teremos, pois, a vida eterna.

Maria José Brito
Assistente Pastoral na Igreja de
Vila Real de Trás-os-Montes

A TEORIA DA IMORTALIDADE DA ALMA seu percurso histórico-filosófico

DANIEL SIMÕES SILVA

A teoria da imortalidade da alma humana tem sido uma das maiores preocupações do espírito humano e, sem dúvida, a mais importante de toda a psicologia antropológica. Historiadores e antropologistas crêem que junto com a existência de Deus, a imortalidade da alma é o fundamento da religião e da moralidade, com repercussões na ordem social e moral. Daqui, toda uma dialéctica sobre a existência ou não de uma alma humana, provida ou não de imortalidade natural.

Na Pré-História

A ideia de imortalidade [do grego «athanasia» e «aphtharsia»] foi manifestada pelo homem através dos milénios. Todos os povos tentaram exteriorizar esta crença de uma forma ou de outra pelo que chegaram até nós os seus vestígios em utensílios, sepulcros, templos, escritos, etc., desde os tempos pré-históricos. Mas a sua génese não pode ser determinada na História, com precisão. No período pré-histórico, denominado paleolítico, não existem quaisquer indícios da existência da ideia de imortalidade. Mais tarde, no período do neolítico, já se encontram ornamentos, armas, utensílios e alimentos postos junto dos mortos e seus túmulos, manifestando uma certa esperança de sobrevivência após a morte o que, segundo alguns implica já o desenvolvimento da teoria de uma «alma» implícita no culto dos antepassados que protegem os seus descendentes.

Na Antiguidade Oriental

Na Antiguidade pré-Clássica era patente uma arraigada crença na vida no além, a qual terá levado à construção das maiores estruturas do mundo antigo, ou sejam, as famosas pirâmides egípcias. O seu propósito era preservar os corpos mumificados dos faraós construtores e que, segundo muitos egiptólogos, esperavam algum dia que a alma regressasse ao corpo. Prova disso, o grande armazenamento de alimentos (por exemplo, trigo, que passaram mais de 5 milénios germinou).

Os egípcios distinguiram: a alma (Ba), o duplo (Ka) e o coração (Ab). Para eles, a alma é uma molécula proveniente da substância divina. O corpo seria o galardão

eterno do «duplo». Bunsen escreveu que «os egípcios ensinaram a mortalidade da alma, facto referido por todos os escritores gregos, desde Heródoto a Aristóteles, e brilhantemente confirmado pelos monumentos.»¹

Os egípcios tiveram as suas crenças e costumes regulamentados em livros, que exprimem suas ideias. Alguns deles, como «O livro dos Mortos», no capítulo 125, descreve a cena do julgamento em que «um defunto se justifica perante o tribunal de Osiris.»² O livro do «Perfeito defunto», que Champollion, primeiro grande epítologo, designou como o «Ritual Funerário», é uma grande espécie de Manual para uso dos mortos, um guia para o mundo do Além.»² No «livro do Silêncio» fazem-se alusões «às agitações da alma que descem a animar outro corpo».³

Este foi o panorama de um Egípcio que copiou da Índia múltiplas coisas, apreendendo dela os seus conhecimentos metafísicos, reservando aos grandes do reino a imortalidade, ou seja aos que tinham condições para o embalsamamento conveniente dos seus mortos.

Do Vedismo ao Bramanismo

Na Índia antiga, os Árias acreditavam numa imortalidade da alma a qual, após a morte, deveria habitar o céu, o sol, ou qualquer outro astro. No livro sagrado «Os Vedas» do Vedismo, religião hindu que precedeu o Bramanismo, o princípio vital do homem é um fogo que vem do céu e lá deve regressar. Daí, o cremar dos cadáveres para que o fogo leve o respectivo princípio vital (a alma). O Vedismo cria ainda no yam, deus dos mortos e na amrita, bebida da imortalidade, e bem assim no inferno (Naraka), região subterrânea mais baixa que as moradas dos demónios, mas só temporariamente, visto que havia ainda a «expiação» e as «transmigrações» depois, segundo este pré-bramanismo.

Partindo de premissas semelhantes, a especulação sobre a vida futura toma novos rumos e surge então a doutrina da *Metempsychose*: a substância espiritual do homem, sem perder a sua identidade, entra noutras formas de vida, subindo ou descendo na escala espiritual dos seres, segundo os actos praticados. A transmigração da alma implicava que tinha existência eterna, antes e depois da sua existência humana. Isto incluía a ideia de desmaterialização do espírito, mas adequava o

aspecto exterior ao carácter íntimo. Tal concepção tornou-se numa obsessão de libertação para essa conturbada existência no além, que vai ser solucionada pela filosofia budista.

O Budismo, que foi fundado por Saquiamum, e que foi herdeiro do Bramanismo, surgiu como a ajuda filosófica de que este carecia, ao trazer a nova ideia da libertação do espírito, em relação à agitada existência eterna, e com a esperança no Nirvana. Este consiste na entrada na beatitude da alma, dizendo que ela segue velando pela felicidade do universo. O Budismo possui também o seu *Naraka*, mas dividido por regiões segundo as faltas a expiar. Uma delas é o *Mahayama*, com 136 infernos, onde os condenados sofrem as penas mais cruéis, bem patentes nas pinturas dos templos budistas.

Entre os povos semitas, os assiro-babilónios criam na existência da alma imortal. Para eles, eram privilegiadas certas almas, que junto dos deuses atingiam uma verdadeira apoteose. Os semitas acreditavam numa existência futura semi-consciente, mas sem distinção de valores morais e de procedimento, e sem características que a tornasse desejada. Associavam pouca alegria ao pensamento do destino do homem após a morte.

No mito da descida de Istar ao mundo inferior, constata-se a preocupação com a habitação dos mundos e a ida de alguns heróis para a companhia dos deuses, contrastando com o destino dos homens comuns.

Estes povos admitiam o Kigallou (inferno), guardado por monstros e demónios, situado na terra, onde os ímpios iam morar, alimentando-se de pó e lama, e num ambiente tenebroso.

Outras religiões Orientais

O *Tauismo*, doutrina da antiga religião dos chineses, no século V A.C., proclamava e adorava os espíritos da natureza, que se confundiam com as almas dos mortos. Os tauistas acreditavam ainda num elixir de imortalidade.

O *confucionismo*, fundado pelo grande filósofo chinês Confúcio (Kong-Fu-Tse) nos séculos VI e V A.C., é outra religião oriental, sucessora também do hinduísmo, e caracteriza-se pelo culto dos ancestrais, um tanto à maneira romana. O Tauismo e o confucionismo admitem que os espíritos dos mortos vivem na atmosfera, nos lugares que anteriormente habitaram.

Xintoísmo — outro ramo oriental (japonês) do bramanismo, ensina a existência dos espíritos, e de um inferno (yomo) lugar de putrefacção, mas cuja existência é apenas mais desagradável que a vida terrestre.

Os persas, como o masdeísmo, têm proclamado desde o século III A.C., a doutrina da ressurreição. Entre eles, os Sármatas, os Cítas, os Trácios (povos iranianos do noroeste) tinham uma mui forte convicção numa vida futura. Foi com origem na

DANIEL SIMÕES SILVA

Pastor da igreja de Aveiro e licenciado em História

Trácia que se difundiu o culto órfico por todo o mundo. O *orfismo*, com seus mistérios nas sociedades do culto órfico, oferecia aos seus iniciados a esperança de uma bem-aventurança e castigo das almas.

Filósofos Gregos

Os gregos foram particularmente influenciados pelo orfismo. Os poemas homéricos cantam tais crenças na sobrevivência da alma, ao aludir aos Campos Elísios e ao Hades estéril e desconsolado, sem dar ênfase a uma existência após a morte. Homero, na *Odisseia*, diz que a alma é um princípio material, um ar subtil, ligado ao corpo até à morte.

Foram os gregos que, com a «sua genialidade», deram base filosófica à ideia de imortalidade da alma, tendo em Platão o autor das pretensas provas da sobrevivência da alma. Mas, já antes dele, Sócrates insinuara tal ideia de imortalidade no espírito grego. Não significava, como vimos, uma nova concepção filosófica, mas uma tendência crítica generalizada numa ideia já adquirida doutros, como o culto órfico, e antes, o egípcio.

Segundo Heródoto, historiador grego, estes obtiveram tal conceito dos Egípcios.⁴ Os gregos criam na existência do «Hades», lugar afastado de luz solar. Aí, os mortos levavam uma vida de fantasmas. As almas que ofenderam os deuses eram encerradas no abismo tenebroso do Tártaro, e eram impedidas de fugir pelo cão Cébera. Mas vejamos a noção de alma, ainda nos gregos. Para Sócrates a alma é invisível, distinta do corpo, de natureza divina, logo imortal. Platão nas suas obras, Fédon, Górgias, República e Timeu aborda este mesmo assunto. Para ele, a alma divide-se em três partes: A alma racional (vous) — substância invisível e espiritual; a alma irracional inseparável do corpo, sede das paixões, e mortal, e alma concupiscível — também mortal, sede das sensações e paixões inferiores e grosseiras. Para Aristóteles, a alma é como a «forma» de um corpo natural e que tem vida potencial. Contrariamente a Platão, o homem tem só uma alma, mas com várias potências (funções orgânicas). A alma humana, não é eterna mas imortal, no seu intelecto.

Os filósofos estoicos (estoicismo) reconheciam antes que a alma é: partículas de fogo, é sopro divino, da alma universal.

Nos períodos subsequentes prevaleceu o *cepticismo* nalguns círculos sociais, e em oposição ao *espiritualismo*, surgiu o *materialismo*, o qual nega absolutamente a existência da alma. É o materialismo mecanicista de Demócrito, Epicuro e Lucrécio. Para eles «tudo é matéria». Nos tempos modernos, Descartes adoptaria o mecanicismo e o espiritualismo, tentando fazer a simbiose no chamado dualismo.

Vitalismo Romano

Quanto aos romanos, com o seu espírito prático, apegavam-se ao culto dos ante-

passados e a sua abertura a todas as ideias religiosas do império preparou o caminho à aceitação da doutrina das sociedades órticas e dionísicas.

Os romanos distinguiam alma, princípio de pensamento, e alma princípio de vida (*animus* e *anima*). O facto de adoptarem assim uma «alma» especial, com funções vitais, constituiu o denominado *vitalismo*, ou como também é conhecido — o *animismo*. Daí que o seu cariz essencialmente animista reconheça a existência de uma alma, no homem, identificada com o sopro, dando ênfase às almas das mesmas — «os manes», que se acham por todo o lado. Séneca, escritor, filósofo e preceptor de Nero, sobre esta crença na alma imortal, escreveu: «... a alma não aceita uma limitação de tempo, quando chegar o dia (...) deixarei este corpo onde o encontrei, e voltarei para os deuses.»

Quanto aos germânicos, sabemos que eles também tinham esperança no além, mas com alguma originalidade. Os seus guerreiros esperavam ter uma vida real de batalhas e plena de jovialidade no Palácio de Odin, o Valalá, após a morte.

O Judaísmo — Dos Patriarcas aos Fariseus

Com o povo judeu, felizmente, entra-se num oásis de luz e verdade. A ideia de uma imortalidade natural é completamente desconhecida. Os primitivos hebreus têm a mesma concepção quanto à vida futura, e será a mesma, mais tarde no tempo do exílio babilónico. O livro de Job diz que «ainda em minha carne verei a Deus»,⁵ ou seja após a ressurreição da carne. O salmista David desabafa: «Contemplarei a tua face, quando acordar»⁶ Isaías diz: «Os teus mortos ressuscitarão»⁷ e Daniel fala que «muitos dos que dormem no pó da terra, ressuscitarão».⁸

No período pós-exílio (sec. VI A.C.) embora mantivessem a crença na imortalidade condicional, ela foi contudo perturbada pelo *helenismo* e *mitracismo* pagãos. O livro apócrifo II Macabeus, cap. 7 mantém uma certa esperança na ressurreição. Posteriormente e até à era de Cristo, na literatura rabinica, a Mishnah, não alude a qualquer conceito de imortalidade inerente ao homem, após a morte. O próprio Talmude é desprovido de qualquer referência ao mesmo assunto.

No período das Sinagogas, e no tempo de Cristo, os fariseus criam na existência de espíritos, provavelmente influência do mitracismo persa, enquanto os sauduceus a negavam. Verifica-se isso, nos evangelhos, e no livro dos Actos.⁹

O Islamismo

O Islamismo que surgiu no período conturbado dos cismas e heresias cristãs africanas e orientais, na era pós-Justiniana, como uma alternativa às lutas e dissidências cristãs, não está isento da crença pagã na imortalidade de uma alma conscientemente. Eles têm também o seu inferno, lugar

de tormento para a alma, ensinado no Corão, seu livro sagrado. Aí, Maomé prescreve que todo o ser humano é responsável pelos seus actos, depois de ser pesado na balança. Os impenitentes serão conduzidos ao El Sakar ou Al-Hotama, divisões do inferno, onde as almas dos ímpios padecerão sacrifícios do fogo, do frio e da sede.¹⁰

Cristianismo

Finalmente o Cristianismo, sendo o prolongamento do ensino e profecias do Velho Testamento, o judaísmo original, lógico é supor que o seu fundador, Jesus Cristo, ensinasse a imortalidade apenas após a ressurreição e para os seus seguidores. E Ele próprio demonstrou que os mortos só aparecem em carne após a ressurreição. Paulo tem idêntico ensino sobre o destino dos mortos.¹¹

Foi esta esperança na ressurreição e no reino por vir que explica o êxito da fé cristã junto das várias comunidades, oferecida a servos e livres, judeus e gentios, em contraste com a teoria da imortalidade da alma, com os mistérios órficos, dionísios e mitraicos que dominaram as respectivas sociedades gentílicas.

Nos séculos subsequentes, na era pós-apostólica, os pais apostólicos (Inácio, Policarpo, Hermas, etc.) mantiveram a crença primitiva da ressurreição, apenas pontualmente manchado pela adopção da filosofia platónica, por Atenágoras (sec. II). No século seguinte, Tertuliano, que morreu em 240 A.D., e Orígenes, um filósofo genial morto em 254 A.D., tentaram conciliar os clássicos gregos com o Evangelho, e prepararam a via para outro grande religioso, ex. pagão e ex. professor de lógica, Santo Agostinho, Bispo de Hipona, (morto em 430 A.D.). Quer Orígenes, quer Agostinho dominaram respectivamente nas cristandades Oriental e Ocidental. Este último desenvolveria todo um sistema que prevaleceria na Igreja Católica.¹²

Tal concepção filosófica será retomada mais tarde pelos escolásticos da Idade Média, em particular, Tomás de Aquino, que se dedicou a definir a espiritualidade da alma, não hesitando em afirmar: «A alma é imortal, como disse o grande Platão», quando se esperaria que se inspirasse em Cristo Jesus, ou no apóstolo Paulo.

Tais ideias filosóficas foram retomadas posteriormente por filósofos modernos como Descartes, Pascal, Leibniz.

Na Reforma Protestante, a doutrina da imortalidade da alma não foi tocada e Lutero, que herdou muito dessa tradição católica, «cria que a alma é forma substancial do corpo humano e é imortal».¹³

Conceito Adventista.

Por fim, uma pergunta se impõe: se a igreja Adventista do Sétimo Dia provém do movimento millerita, evangélico, como e quando chegou a nós a verdade evangélica da imortalidade condicionada à ressurreição de Cristo?

O primeiro estudioso conhecido desta concepção designada por *imortalidade condicional*, foi Richard Roth, de Posen (1799-1867) autor de uma enciclopédia teológica¹⁴. Depois dele, Henri Grew, estudioso e crítico da Bíblia, publicou em 1835 o «*Estado Intermediário*» sobre o assunto. Em 1837, George Storrs, um pastor metodista e proeminente millerita, leu o folheto de Grews, o que o levou a ser excluído da comunhão metodista. Meses depois, Storrs publica 3 cartas sobre «É a alma dos mortos imortal?» (1841), e um ano depois, publica 6 sermões que conhecem larga difusão nos E.U. Conhece o millerismo adventista através de C. Fitch. Em 1843 outra publicação lhe é censurada por estes dirigentes. Josiah Litch é um dos opositores de Storrs, mas os pontos de vista deste já tinham ido longe demais para serem desprezados, e muitos pregadores milleritas e povo a eles adere. Entre eles a mãe e irmã de Ellen Harmon, enquanto o seu futuro marido, James White, e José Bates os aceitam também. Mais tarde Ellen Harmon, já Ellen G. White, aceitou-os igualmente.

A futura congregação adventista do sétimo dia irá confirmar a sua adesão através da primeira publicação, de Roswell Col-

tree, líder e pioneiro adventista do sétimo dia, na *Review and Herald*, em Nov. de 1853.

Conclusão

Em contraste com a imortalidade condicional adventista, podemos dizer, com o apoio das Escrituras, que a concepção da sobrevivência da alma remonta para além dos especuladores gregos, para além da antiguidade egípcia, para além do paleolítico pré-histórico; remonta ao princípio da humanidade, em que no Éden a voz da serpente especulou filosoficamente: «Certamente não morrerás».

Como o filósofo H. Bergson afirmou, a concepção de Platão: «continua estéril e do mesmo modo ...arbitrária ... não faz avançar um passo ao nosso conhecimento»¹⁵. Ou como escreveu Petavel-Olliff, «a tese filosófica de imaterialidade e da indestrutibilidade da alma humana é absolutamente estranha à religião da Bíblia.»¹⁶ A Bíblia claramente ensina a inconsciência dos mortos, e a cessação do seu elemento vital¹⁷. Logo a concepção filosófica da imortalidade da alma, apesar dos seus três argumentos de prova (metafísico, psicológico e moral) é apenas uma teoria humana

e pagã, que mais não visa que a desviar as atenções humanas da esperança bem-aventurada na manhã da ressurreição e da vinda do Reino de Cristo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 Bunsen — Egypt — in *Universal History*, vol. IV
- 2 Chantepie de la Saussaye — *História das Religiões*, vol. I, p. 82
- 3 H. Durville, *Clência Secreta*
- 4 Heródoto, *History of Persian Wars*, 11, 123
- 5 Job. 19:21-27
- 6 Isaías 26:19
- 7 Salmos 17:15
- 8 Daniel 12:3
- 9 Mateus 22:23-32 e Actos dos Apóstolos 23:8
- 10 *Las Grandes Religiones*, vol. II, pág. 142 — Edicion Mateu — Barcelona
- 11 João 5:28 e 29; 20:17; Lucas 24:36-43; I Coríntios 15:42-55
- 12 C. Gerber, *Sentiers de la Foi*, p. 231
- 13 Immortality in *SDA Bible Students — Source Book*
- 14 Imortalidade Condicional in *Enciclopedia — Português-Brasileira*
- 15 *Leçons de Philosophie*, ed. Tours, p. 551
- 16 Petavel-Olliff — «*Le problème de l'imortalité*» p. 15, 16 — Paris
- 17 Eclesiastes, 3:19-21; 9:5, 6, 10

Como enfrentar a perspectiva da morte

MANUEL NOBRE CORDEIRO

Todas as criaturas vivas amam a vida e lutam pela sua sobrevivência, desde o mais minúsculo insecto até ao mais corpulento animal, quer vivam na terra seca ou nas águas dos mares, rios ou lagos. O mesmo acontece com as criaturas humanas, homens e mulheres.

Infelizmente, desde que entrou o pecado na Terra, lugar da habitação do homem, a morte tem sido o seu quinhão através dos séculos, e continuará a sê-lo até que venha o Autor da vida para erradicar completamente esta nota desarmoniosa do Universo perfeito de Deus.

Enquanto somos jovens raramente pensamos na morte. Achamos que a morte é algo que deve acontecer apenas aos idosos. E, consciente ou inconscientemente,

chegamos a pensar que nunca chegaremos a uma idade avançada. Mas os anos vão passando e, quase sem nos darmos conta, eis-nos chegados aos anos da decrepitude, da senilidade, numa palavra, ao ocaso da vida.

É então que necessitamos de maior compreensão, simpatia e amor dos que nos rodeiam, sobretudo dos nossos filhos, netos e amigos, nomeadamente dos nossos irmãos da igreja. Todavia, esse é o período de vida em que muitos de nós nos encontramos mais desamparados, desprotegidos e mesmo abandonados. Quando éramos crianças todas as pessoas tinham mil e uma atenções para connosco. Todos gostavam dos nossos sorrisos, brincadeiras e até traquinices. Na nossa juventude



também não nos faltavam atenções. Mas agora que chegámos ao período da vida humana que actualmente se denomina de terceira idade, quem nos liga, quem nos conforta, quem nos consola?

Fico imensamente triste quando sei de pessoas idosas que ficam em lares da terceira idade, ou outras instituições do género, completamente esquecidas, abandonadas. Nem os filhos que criaram

com tanto desvelo e carinho os visitam. Ou fazem-no muito raramente! E pensar que esta é a fase da vida em que mais necessitam de carinho, atenção, conforto e consolação! Ficam, por assim dizer, a aguardar a morte nessas instituições.

O ano passado estive em Ponte de Sor, durante o mês de Julho, a colaborar com o pastor local em várias actividades missionárias. Certo dia, um senhor de 81 anos, que frequentava as nossas reuniões, disse-me que os antigos costumavam dizer na sua terra que «os velhos são como um móvel velho. Nunca há arrumo ou lugar para eles», isto é, para um armário velho, por exemplo, nunca se encontra lugar apropriado para ele numa casa. Nunca se sabe onde colocá-lo. Assim se dá com os velhos, dizia ele. Mas não deve ser assim. Como cristãos, devemos estimar e acarinhar os nossos irmãos idosos, sobretudo os nossos pais, não consentindo que definham por falta daquilo que mais necessitam nesta fase da sua vida — amor, carinho, simpatia, compreensão e atenção. Necessitam de sentir-se confortados e animados para enfrentar com fé, coragem e ânimo os últimos dias da sua vida. E não deveríamos poupar-nos esforços no sentido de tornar-lhes esses seus últimos dias os mais agradáveis possíveis.

É nesta fase da vida que as pessoas pensam mais na perspectiva da morte, que, segundo crêem, se avizinha agora a passos largos. E muitas vezes tornam-se cismáticos, inseguros, intranquilos devido à perspectiva sombria que acabam por fazer desse acontecimento. Durante a sua vida activa tinham uma perspectiva optimista devido à sua fé nas Escrituras. Mas agora chegam a duvidar da ressurreição devido à sua condição física debilitada, à doença, e ao sentimento de abandono em que sentem encontrar-se. É então que a nossa acção é mais necessária para reassegurar a esses nossos irmãos e irmãs o quanto apreciamos o seu exemplo de fé, dedi-

cação e acção missionária. E bem assim assegurar-lhes que as suas obras os seguirão e que o Senhor, justo juiz, lhes concederá o eterno galardão aquando da Sua gloriosa vinda, que cremos se concretizará muito em breve.

Não há nada mais desencorajante e desesperador do que uma pessoa se aproximar do ocaso da vida e não ter uma esperança inabalável quanto à ressurreição. Pensar na sepultura como um lugar para onde em breve se vai sem qualquer esperança dela jamais voltar é, sem dúvida, aterrorador. Mas nenhum de nós, crentes, necessita de pensar assim. O Senhor dá-nos plena certeza de que um dia, se Lhe formos fiéis, sairemos triunfantes da sepultura mediante o Seu glorioso poder. A Sua ressurreição é o penhor, a garantia de que nós também o seremos no dia da Sua vinda. «Ora se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns que não há ressurreição de mortos? e se não há ressurreição dos mortos também Cristo não ressuscitou. E se não ressuscitou, logo é vã a vossa fé. E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não ressuscitam. Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se não ressuscitou é vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos. Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem. Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. «Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo na Sua vinda» (I Cor. 15:12-23). Nestas palavras o após-

tolo Paulo assegura a cada um de nós que a ressurreição de Cristo, que cada um de nós tem como certa, é o penhor, a garantia de que nós também ressuscitaremos no dia da Sua vinda.

O próprio Senhor Jesus Cristo, referindo-Se à ressurreição, disse: «Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação» (João 5:28-29).

Já o profeta Isaías dizia: «Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos» (26:19).

Pouco depois de ter aceitado a fé, tive uma conversa com um primo, que nessa altura estava no primeiro ano da universidade. Quando lhe falei da minha esperança de ressurreição, ele respondeu-me que isso era impossível. «Achas que depois de todas as moléculas do teu corpo se terem desfeito na terra, que é possível a Deus voltar a reuni-las todas de novo?» Naquela ocasião não lhe soube responder muito bem. E isso perturbou-me um pouco. Como iria ser? Mas lembro-me de lhe ter dito que para Deus nada é impossível. Mais tarde aprendi que iremos ressuscitar com um corpo diferente do que agora temos — um corpo imortal, incorruptível. É isto mesmo o que o apóstolo Paulo diz em I Cor. 15:52-57: «Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte o teu aguilhão? Onde es-

tá, ó inferno (morte) a tua vitória? Ora o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo». Teremos, portanto, ao ressuscitar, um novo corpo embora o mesmo espírito, o mesmo carácter que agora possuímos.

«A nossa identidade pessoal é preservada na ressurreição, ainda que não as mesmas partículas de matéria ou de substância materiais como foram para a sepultura. As maravilhosas obras de Deus são um mistério para o homem. O espírito, o carácter do homem, volta para Deus, para ali ser preservado. («Espírito» aqui refere-se ao carácter, e não ao «fôlego de vida».) Na ressurreição cada homem terá o seu próprio carácter. Deus, em Seu próprio tempo, chamará os mortos, dando de novo o fôlego da vida, e mandando aos ossos secos que vivam. Surgirá a mesma forma, mas livre de doença e de todo o defeito. Vive de novo trazendo a mesma individualidade de feições, de maneira que o amigo reconhecerá o seu amigo. Não há lei da natureza que mostre que Deus restitui as mesmas idênticas partículas de matéria que compunham o corpo antes da morte. Deus dará aos justos mortos um corpo que Lhe agrade.

«Paulo ilustra este assunto pelo grão de trigo semeado no campo. O grão semeado decompõe-se, mas brota um novo grão. A substância natural no grão que se decompõe nunca surge como antes, mas Deus dá-lhe um corpo como Lhe tem agradado. Um material muito mais belo comporá o corpo humano, porque é uma nova criação, um novo nascimento. É semeado um corpo natural, ressuscita um corpo espiritual». (E.G. White, em *SDABC*, vol. 6, pág. 1093).

O Senhor guardará o lugar da sepultura de cada um dos Seus filhos e quando Ele vier glorioso, chamá-los-á de novo à vida com as palavras: «Despertaí, despertaí vós que dormis no pó da Terra». Então, dum extremo ao outro da

Terra, milhares de sepulturas se abrirão e os santos, adormecidos no sono da morte, ressurgirão triunfantes e imortais, com um corpo glorificado.

«O Doador da vida convocará a Sua adquirida possessão na primeira ressurreição, e até essa hora triunfal, quando a última trombeta soar e o vasto exército sair para a vitória eterna, cada santo adormecido será mantido em segurança e guardado como uma jóia preciosa, conhecido por Deus pelo nome. Pelo poder do Salvador que neles

habitou enquanto viviam, e em vista do que eram participantes da natureza divina, são trazidos de entre os mortos.» (*Ibidem*, vol. 4, pág. 1143).

Possam estas palavras assegurar, uma vez mais, a cada um de nós que, se tivermos de ser colocados a dormir o sono da morte, o Senhor Jesus Cristo nos voltará a trazer à vida, e vida imortal, se tão-somente «retivermos até ao fim a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu». (Heb. 10:23). □

Introdução de um novo Departamento



HAROLD KNOTT

O assunto é conhecido há já algum tempo: por ocasião da sessão plenária da Conferência Geral, em Nova Orleães, estudou-se a possibilidade de reorganização das diversas funções internas da Igreja e assim foi criado um novo departamento — mas não mais um departamento. Trata-se do Departamento dos «Ministérios da Igreja».

Certamente, não é demais especificar que não se trata de acrescentar um departamento aos já existentes; pelo contrário, esta nova estrutura abrange cinco sectores que até agora eram considerados departamentos quase independentes: Juventude, Serviço Lar e Família, Actividades Leigas, Escola Sabatina e o importante sector da Mordomia Cristã. Depreende-se claramente que o novo departamento agrupa, por um lado, todos os elementos relativos ao serviço interno da Igreja, e por outro, os relativos ao exterior.

De início, esta reorganização não deveria tocar senão a Conferência Geral e as Divisões: uma espécie de teste quanto à capacidade

de de funcionamento do novo sistema. Todavia, foi dada a cada Divisão a possibilidade de permitir aos campos que lhe estão ligados adoptarem esta nova estrutura, se chegassem á conclusão de que a sua aplicação seria útil e justificada.

O director dos Ministérios da Igreja na Conferência Geral é o irmão D. W. Holbrook, bem conhecido na Europa graças aos Seminários do Serviço Lar e Família, que dirigiu juntamente com sua esposa e um outro casal, em alguns territórios da nossa Divisão.

A nível da Divisão Euro-Africana, quatro colaboradores partilham as responsabilidades do Departamento dos Ministérios da Igreja: O irmão John Graz, que além das suas actividades à frente do departamento de Comunicações, se ocupa da Juventude; o irmão Pietro Copiz, responsável pelo Serviço Lar e Família, ao lado do seu posto de director do Departamento de Educação; o irmão Johannes Mager que dirige a Associação Pastoral e o Sector da Mordomia Cristã; finalmente, o signatário, Harold Knott, que continuando a dirigir os ramos das Actividades Leigas e Escola Saba-

HAROLD KNOTT

Director do Departamento dos Ministérios da Igreja da Divisão Euro-Africana

tina, é o coordenador de todas as actividades dos cinco sectores mencionados e que formam um todo.

Muitos dos nossos membros e colaboradores interrogam-se, certamente, quanto às razões que levaram à fusão de departamentos tão importantes. Em que consistem as vantagens desta nova estrutura e quais são os seus objectivos?

Uma das vantagens de uma estruturação deste género é, sem dúvida, a possibilidade de uma melhor coordenação das actividades e programas oferecidos pelos cinco ramos dos «Ministérios da Igreja». É claro que as necessidades específicas das diferentes secções deste departamento terão de ser respeitadas. É, também, escusado dizer que as actividades da Juventude Adventista continuarão e que, tal como no passado, haverá seminários de formação para pregadores leigos e monitores de Escola Sabatina.

Aconteceu no passado diversas formas de trabalho ou actividades serem lançadas de maneira separada pelos vários departamentos. A partir de agora, vamos esforçar-nos por elaborar em conjunto as estratégias que melhor respondam às necessidades reais das nossas comunidades adventistas, tomando em consideração a sua diversidade. Deveríamos evitar dar a impressão de que cada departamento procura promover as suas ideias ao primeiro plano de importância, pois isso poderia provocar nos campos uma incerteza quanto às prioridades que devem dar às actividades que lhes são propostas.

É evidente que uma equipa de colaboradores, na qual cada um representa interesses próprios, mas que, apesar de tudo, opera como um só departamento, motivada por um objectivo comum, oferece melhores condições para a concretização desse objectivo; o que é mais difícil se vários directores de departamentos trabalharem de maneira independente.

A coordenação de todos os planos no seio do Departamento dos

Ministérios da Igreja apresenta ainda uma outra vantagem: permite efectuar uma escolha mais judiciousa quanto às actividades susceptíveis de responderem às necessidades reais dos campos e das igrejas. Será, pois, necessário que os directores dos departamentos das Uniões e Associações decidam quais destas necessidades devem ser consideradas em primeiro lugar. Sabemos que estas podem variar de um campo para o outro, ou de uma igreja para a outra.

Eis a razão porque um dos objectivos do Departamento dos Ministérios da Igreja consistirá em elaborar um determinado número de sugestões e actividades que constituirão para o campo ou igreja em questão um verdadeiro auxílio. Competirá ao campo, à União, à Associação, ou à igreja local escolher entre as diferentes ofertas aquela que melhor se adaptar às necessidades do momento.

Poderá acontecer que o Departamento dos Ministérios da Igreja tenha na sua lista um programa destinado à juventude, consistindo numa formação específica em vista do testemunho cristão entre os jovens; haveria assim uma colaboração entre dois ramos, a Juventude e as Actividades Laicas. Talvez que haja numa Associação ou União um director da Juventude Adventista que seja de opinião de que este programa convém exactamente às igrejas do seu distrito. Bastará para isso marcá-lo na lista que lhe for apresentada.

Outro campo, para as igrejas à sua responsabilidade, dará mais importância a uma consolidação das relações no seio da família cristã; algumas igrejas sentirão, talvez, a necessidade de se concentrarem sobre a formação de monitores da Escola Sabatina ou de organizarem seminários de Crescimento da Igreja. Cada território, cada igreja, terá a possibilidade de seleccionar o assunto ou assuntos preferidos entre os que figuram nas propostas.

O Departamento dos Ministérios da Igreja antevê a sua função co-

mo a de uma loja de vendas cuja preocupação é oferecer o maior número possível de artigos aos seus clientes. Os «clientes» — na circunstância, os campos e as igrejas — terão a oportunidade de ver o que lhes faz falta. A este respeito, têm uma dupla responsabilidade:

1. Aproveitar ao máximo as ofertas que lhes são feitas;

2. Fixar a sua escolha na oferta que melhor convier às necessidades do momento.

Estes pensamentos são expressos da seguinte maneira no regulamento de trabalho do Departamento dos Ministérios da Igreja:

- a) Uma das tarefas principais do Departamento dos Ministérios da Igreja consiste em colocar à disposição programas e material que respondam às necessidades dos campos e das igrejas.

- b) Os referidos programas e material tomarão em consideração o duplo aspecto da evangelização no interior e no exterior da igreja.

- c) Entre as responsabilidades que incumbem aos campos e às igrejas, encontra-se a da autonomia com respeito aos planos e à aplicação de uma estratégia missionária global adaptada à situação local.

- d) Na base desta planificação, os campos e as igrejas marcarão no catálogo das ofertas aquelas que melhor correspondam às estratégias missionárias que escolherem, bem como às necessidades consideradas mais urgentes.

Sem dúvida, o Departamento dos Ministérios das Igrejas encontra-se ainda nos seus princípios. Será preciso acumular experiências, e isso igualmente no domínio da colaboração com as Uniões e comunidades adventistas, segundo as directrizes acima mencionadas. Certamente que se cometerão erros aqui ou ali. Mas em definitivo, haveremos de ver que a nova orientação se mostrará judiciousa. Esperemos que dela resultem numerosas bênçãos para o conjunto da obra na nossa Divisão, bem como para as igrejas que dela dependem. □

Escola Cristã de Férias

No dia 22 de Setembro de 1986, teve início a primeira Escola Cristã de Férias no Externato Infanta D. Joana, em colaboração com a igreja central de Lisboa.

Tivemos a participação de 33 crianças: 11 adventistas.

Foi uma experiência magnífica no ramo do evangelismo infantil. Algumas famílias e crianças entraram pela primeira vez em contacto com a igreja, chegando, por vezes, a pedir esclarecimentos sobre certos pontos bíblicos. É de salientar que uma motivou os seus pais a tirarem-na da escola que frequentava e a transferi-la para a nossa.

A Sandra, uma criança não-adventista de 11 anos de idade, que pela primeira vez tomou contacto connosco, homenageou-nos no decorrer do programa com a declamação de diversos poemas da sua própria autoria, um dos quais transcrevemos nesta página.

Realçamos a amável colaboração de algumas jovens da igreja Central e de Alvalade.

No Sábado dia 27, à tarde, realizou-se no salão de jovens da igreja adventista central de

Lisboa a festa de encerramento, onde se reuniram as crianças, os pais e familiares, juntamente com alguns irmãos da igreja, que seguiram interessados o programa de cânticos, poesias, lição bíblica ilustrada, uma história ilustrada por diapositivos e uma exposição de trabalhos manuais, feitos pelas crianças.

O pastor Maurício fez a distribuição dos diplomas, o que encheu a pequenada de alegria e satisfação.

Desta maneira terminou a nossa Escola Cristã de Férias, tendo a certeza de que a sua mensagem ficou no coração de cada criança, uma das quais passou a assistir à Escola Sabatina.

«As centelhas do amor divino cairão na alma das crianças como uma inspiração. Podemos levar a Cristo centenas e milhares de crianças se trabalharmos por elas.» — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 154.

Maria José Marvão
Professora da Secção
Primária da Escola de
Lisboa



Grupo de participantes da Escola Cristã de Férias



Aspecto da Escola Cristã de Férias da Escola de Lisboa

Escola Cristã de Férias

Ó Escola Cristã de Férias
Tu que sabes tanto de Deus,
Educa-nos com carinho
Para O amarmos a Si e aos
Seus

Que todos saiam contentes
Deste Externato maravilhoso,
A quem Deus ampara sempre
E dá alegria a todos!

Tão vivo... tão dinâmico
Tão animado este instalamento!
Pois bem...

Abençoado seja com actos de
melhoramento!

Todos nós, os alunos, sabemos
Que vós carregais paciência
demais

E uma maravilhosa manta
Pois bem, que este poema

honre
A generosa Infanta D. Joana

Poema escrito pela *Sandra
Marina Lobo Muga*, participante
da Escola Cristã de Férias de
Lisboa.

- **Cândida da Conceição Lourenço Martins**
- **Fulgência Henriques Lopes**
- **José Luís Graça Gomes**
(da igreja de Torres Vedras)
- **Valentina Augusta da Costa**
(da igreja de Pero Negro)

Agradece-se a quem souber do seu paradeiro, o favor de contactar com o pastor Paulo Mendes [Rua José Malhoa, 16 A (à R. Egas Moniz) — 2675 ODIVELAS]

Aguardando a Ressurreição

Maria Celestina Galvão Lourenço

Falecida em 14 de Junho, dos seus 81 anos de vida, perto de 40 foram dedicados a diligente serviço na obra de Deus, leccionando na Escola Adventista da Igreja Central.

Professora eficiente e admirada, instrutora querida pelos seus alunos, deixou em todos uma indelével recordação e um inspirador exemplo.

A irmã Celestina Galvão foi uma das pioneiras da Educação no meio adventista português. Alguém sempre pronto a seguir o Grande Mestre, adormeceu também na esperança de viver com Ele eternamente.

Todos aqueles que foram seus alunos e a conheceram,



guardam uma profunda admiração, bem como uma viva memória da sua vida de abnegação a tão nobre causa.

A seus filhos e netos, apresentamos a nossa simpatia cristã.

Dália Mateus
Professora da Secção
Primária da Escola
de Lisboa

Escola do Funchal

Mais um ano lectivo começou e com ele algumas novidades, e como tal partilharemos convosco estas novidades que são as seguintes:

Continuamos com 4 professores: Sector Primário, 2, e o Ciclo Preparatório T.V., 2. O ano passado tivemos 73 alunos e este ano temos 83, sendo 59 do sector Primário e 24 do Ciclo Preparatório.

Pena é que não tenhamos instalações para podermos aceitar os que solicitam a admissão na nossa escola, mas temos esperança que dentro em breve teremos novas instalações... Tenhamos esperança!

Temos diante de nós de novo um grande desafio: a educação

das nossas crianças. Somos poucos, temos pouco para fazer face às múltiplas solicitações, mas, pela graça de Deus, não só estamos bem projectados a nível da cidade como também nos círculos governamentais. A nossa publicidade é a qualidade do ensino que a nossa escola fornece aos que nos procuram.

Confiamos no Senhor, pois Ele desenvolverá o trabalho humilde e dedicado dos nossos professores perante tão titânica tarefa: EDUCAR e EVANGELIZAR.

MARANATA

Maria de Lourdes Carvalho
Directora da Escola
Adventista do Funchal



Alunos da Escola Primária e Ciclo Preparatório



Professores da Escola do Funchal. Ano lectivo 86/87

VEISEU — Baptismos

Associando-se ao dia nacional de baptismos, a igreja de Viseu esteve em festa no passado dia 7 de Junho. Com efeito, 5 preciosas almas decidiram aceitar a Jesus dando testemunho público da sua fé através das águas do baptismo.

Numa época de incredulidade e ao mesmo tempo de idolatria, consideramos verdadeiros milagres estes que consistem em

romper com os dois males citados e aceitar uma vida equilibrada pelo poder do Espírito Santo.

Agora que são propriedade de Cristo, desejamos a estes novos irmãos e irmãs as mais ricas bênçãos de Deus, e formulamos votos de que se consagrem inteiramente ao Senhor e sejam uma bênção para aqueles com quem privam, ajudando-os a encontrar Jesus, o Salvador.



Os cinco novos membros



Grupo de pessoas que respondeu ao apelo

VEISEU — Congresso

A alegria na igreja de Viseu não se limitou apenas no dia 7 de Junho. Tendo esta cidade sido escolhida para o congresso Regional do Centro, tivemos o privilégio de no dia 14 de Junho registar a presença calorosa dos irmãos das igrejas da área centro.

O templo estava apinhado, bem como o salão de jovens. Outra coisa não era de esperar!

A Escola Sabatina teve a colaboração das igrejas de Arganil e da Guarda. Havendo uma

classe única, foi o pastor Eduardo Teixeira quem passou a lição, cujo tema era: A Esperança Superior.

O tema do Congresso foi: «Cristo ao Leme». A mensagem, principal foi-nos dirigida pelo presidente da União, pastor Morgado, que incentivou os presentes a uma maior consagração ao Deus de Israel. Só deste modo a obra pode ser terminada.

Na parte da tarde, houve uma reunião de testemunhos. Vários foram os irmãos que mostraram o que Deus pode fazer por nós

e em nós sempre que permitimos que Cristo esteja ao «leme» das nossas vidas.

Estes testemunhos alternavam com os maravilhosos cânticos de louvor apresentados pelos jovens de Coimbra, que deram a este congresso a vivacidade e a alegria cristã que dele se esperava.

Aos jovens de Coimbra, aos pastores e aos irmãos vindos das várias igrejas e ao presidente da União, em nome da igreja de Viseu, o nosso muito obrigado. A Deus a glória e o louvor!

J.M.C. Casaquinha
Pastor da Igreja de Viseu

Figueira da Foz

Nascendo das águas

Realce para o dia 13 de Setembro. Decisões de coração, fruto de muitos meses de santa preocupação e profícuo trabalho da igreja. Muita alegria houve. Os jovens ajudaram muito ... como sempre!

Os nomes ficaram-nos na me-

mória: Araci de Jesus Canha, Maria da Conceição Afonso Cordeiro, e Maria Pereira Pata, todas da Cova/Gala. Salientamos também a entrega da jovem Marta Manuela Reis Mano, que ao Senhor disse sim.

Sentiu-se a presença de Deus. Foi lindo!



Baptismos na Figueira da Foz

Convívio na Figueira da Foz

O sol brilhou mais alto neste Sábado 19 de Julho. De visita à igreja local, participando numa abrilhantada Santa Ceia, o grupo de cariz jovem oriundo das

Antilhas francesas forneceu-nos o motivo para um dia do Senhor com horizontes diferentes. Foi bom!

A natureza calma da Serra da Boa Viagem também ajudou.



Convívio na Figueira da Foz

Despedida do Local

Foram apenas dois curtíssimos anos, mas, o suficiente para deixar raízes com sólidas amizades em Cristo.

Partimos, deixando pedaços de coração, não podendo esquecer a belíssima compreensão daqueles com quem mais directamente colaborámos.

Ao nosso substituto Pastor

Carlos Esteves, desejamos acima de tudo que a paz do Senhor lhe transmita um frutuoso ministério.

Figueira... «é mais formosa na hora da despedida». Obrigado pelo saldo bem positivo.

M. Garrido
Pastor da Igreja da Figueira da Foz

Acampamento de Jovens Costa de Lavos — 1986

Ele esteve connosco

Com a presença de centena e meia de jovens, realizou-se entre 12 e 22 de Agosto, o Acampamento de Jovens, onde numa forma evidente a fraternidade e a amizade imperaram.

Foi num dia soalheiro que, com a azáfama típica dum primeiro dia, os campistas, numa roda-viva procurando o melhor local para instalar as suas tendas, se iniciou o Acampamento.

Bem cedo se criou um clima de expectativa perante a equipa de colaboradores que nos foi apresentada. Alguns eram perfeitamente desconhecidos da maior parte, como, por exemplo, dos jovens que vieram da Madeira. Com um horário flexível os campistas enquadraram-se facilmente no programa previamente elaborado.

Foi com alguma surpresa e perplexidade que assistimos à primeira reunião espiritual, devido ao estilo «sui-generis» do P. Manuel Garrido. As reacções foram muito variadas, mas com a sua forma de apresentação ele conseguiu captivar toda aquela massa jovem. Temas como o amor e a participação dos Jovens na igreja como instituição foram discutidos apaixonadamente por todos, de tal maneira que (talvez sem precedentes), os campistas (alguns dias), prescindiram da praia, para que as reuniões continuassem pela manhã fora com o entusiasmo a aumentar proporcionalmente ao tempo. Que maravilha aquela última reunião, P. Garrido, que lindo que foi termos aplaudido a

Deus pelo acampamento proporcionado. Realmente Ele esteve connosco!

Essas reuniões deram-nos a possibilidade de avaliar o nosso valor real e a nossa força como grupo organizado. Tomámos consciência de que, bem orientados e organizados, podemos impôr uma dinâmica jovem à igreja. Cabe a nós a tarefa de acelerar a propagação da «Mensagem do Advento a todo o mundo nesta geração».

Com a eloquência e a clarividência que os caracterizam, o P. José Carlos Costa e o Dr. Daniel Esteves ministraram um curso de Jornalismo e preparação para o matrimónio. Foi com alegria e uma certa esperança que tomámos conhecimento do ressurgimento do órgão oficial dos jovens adventistas portugueses. O Departamental da Juventude aproveitou o curso que estava orientando para incentivar e estimular a formação de correspondentes e articulistas da «Expressão Jovem» nas diversas sociedades de jovens; com certeza que o ressurgimento da Revista será apoiado por todos os jovens, para que a unidade entre nós seja reforçada e assim orgulharmo-nos de pertencer às fileiras do Grande Comandante.

Monitorizado excelentemente pela simpática jovem Cristina, da Cruz Vermelha, alguns campistas puderam frequentar um Curso de Primeiros Socorros, cujos exames foram considerados satisfatórios. Parabéns aos nossos socorristas e à monitorea pelo êxito alcançado!

Logo no segundo dia nos apercebemos que os perceptores dos rapazes e das meninas, respectivamente, P. Jorge Machado e Mercedes, eram pessoas afáveis. Sob a sua direcção, os rapazes e as meninas empenharam-se totalmente em duas festas de recepção, os rapazes receberam as meninas e as meninas os rapazes. Um obrigado aos simpáticos casais Claudino Ribeiro e Mário Santos pela colaboração prestada.

Com o pavilhão pomposamente engalanado pelas meninas na respectiva recepção, nós

nos despedimos com mágoa e muita tristeza. Com mágoa, porque o acampamento «só» teve dez curtos dias, com muita tristeza porque a separação ia ser um facto infelizmente inadiável.

Constrangidos pela dor da separação, cada um de nós partiu com a esperança de que um dia estaremos todos juntos num «Grande Acampamento» em que a convivência não terá fim.

Quim Infante
Igreja da Amadora



dedicada esposa, a irmã Maria do Rosário Gonçalves Abreu, que nascera em 3-7-1906 e fora baptizada em 4-4-1970 pelo pastor Orlando Costa.

Esta era a segunda esposa do irmão Abreu, sendo irmã da primeira. Ela tinha ficado viúva e como não tinha filhos, fora viver com a irmã e o cunhado. Quando algum tempo mais tarde o irmão Abreu ficou viúvo, não querendo dar aparência do mal, em virtude da sua cunhada estar a viver com ele na sua casa, resolveu casar com ela.

A irmã Rosarinha, como era conhecida no Funchal, foi durante vários anos chefe de diaconisas. Ela possuía a mesma disponibilidade e as mesmas virtudes do marido. Pertenceu quase sempre às Dorcas ajudando a consertar roupa e colaborando depois, na distribuição das mesmas e outras coisas aos pobres. Ela faleceu no Hospital de Benavente e está sepultada no cemitério de Salvaterra de Magos.

Foram verdadeiros cristãos «... dos quais o mundo não era digno» (Heb. 11:38).

Margarida Cordeiro

Aguardando a Ressurreição

Maria do Rosário e João Abreu

Faleceu em Lisboa, no Hospital de S. José, para onde havia sido levado de urgência, no dia 1 de Abril de 1986, o irmão João Abreu, tendo sido depois sepultado no cemitério de Benfica em Lisboa.

O irmão Abreu nascera no Funchal em 24-12-1904 e ali fora baptizado em 30-4-1955 pelo pastor Manuel Miguel. Durante os cerca de 30 anos em que foi membro da igreja do Funchal, sempre foi um fiel e dedicado membro de igreja, tendo desempenhado vários cargos entre os quais Secretário de Actividades Leigas, monitor da Escola Sabatina, diácono e nos últimos 21 anos chefe de diáconos. Foi, também, por sua própria iniciativa, durante muitos anos, zelador da igreja, não no sentido de limpeza, mas de reparador de tudo o que necessitasse de reparação, comprando à sua conta, muitas vezes, o material que aplicava e sem cobrar nada pelas longas horas de mão-de-obra. Era de um zelo e dedicação inexcedíveis. Sempre atento quanto a vidros partidos, lâmpadas fundidas, torneiras que vertiam, autoclismos avariados, canalizações, etc., etc..

Estava sempre meia hora antes de cada reunião para abrir a igreja e colocar tudo em ordem. E no final, tinha sempre cuidado de fechar todas as janelas para evitar que se partissem vidros

com o vento. Até cheguei a vê-lo antes das reuniões a alinhar devidamente os bancos da igreja, e no final das mesmas a apANHAR todos os papelinhos, grandes ou pequenos, que as crianças inadvertidamente haviam deixado cair no chão durante a reunião. Nunca se queixava, tinha sempre um sorriso amável.

Nunca faltava à igreja, a não ser por doença. Num domingo, em que vinha para a igreja, foi atropelado. Foi levado ao Hospital e depois de ter sido tratado dirigiu-se para a igreja para saber se eram necessários os seus serviços.

Cada ano fazia o ano bíblico acompanhado da leitura do *Conflito dos Séculos*. Era um exemplo extraordinário no trabalho missionário dentro e fora da igreja, visitando os pobres, levando-lhes sempre uma palavra de conforto e uma lembrança aos necessitados. Desde que se reformara dedicada a quinta-feira ao trabalho missionário entre os seus ex-colegas, amigos e vizinhos e familiares. Junto deles fazia a Campanha das Missões a nível individual, mas além disso saía sempre com o seu carro levando grupos de jovens ou adultos para irem fazer a Campanha das Missões fora do Funchal. Enquanto aguardava no carro o regresso deles, orava para que o Senhor abençoasse o seu trabalho.

Fiel leitor e assinante da Revista Adventista durante todos os anos em que foi membro da

igreja, esta notícia é acima de tudo um testemunho da vida de quem dedicadamente sempre deu o melhor de si mesmo à Causa que tanto amava. Pois mesmo durante o tempo que viveu no L.A.P.I. e apesar de já enfraquecido pelos anos e a doença que o vitimou, sempre foi incansável em preparar lenha para o fogão de sala de convívio e tratar da horta junto do L.A.P.I..

Cerca de dois meses e meio depois faleceu em 13-6-86 a sua

O CAMPO É O MUNDO — NOTÍCIAS

Intervenção Oficial da Divisão Euro-Africana Junto do Governo Romeno

A Divisão Euro-Africana das Igrejas Adventistas fez uma intervenção oficial junto do Governo Romeno, em virtude da demolição da igreja central de Grant, em Bucareste. Foi feita sob a forma de uma carta entregue ao embaixador da Roménia em Berna, a 20 de Agosto do corrente ano. Escrita pelo pastor G. Rossi, lembra que a Igreja Adventista não tem a intenção de se ingerir nos assuntos internos romenos, mas gostaria de receber uma confirmação de garantias quanto à reconstrução

de um novo edifício.

Há dois anos que os dirigentes adventistas da Roménia tinham sido informados da existência de um plano de urbanização que obrigaria à demolição da igreja de Grant.

«Esperamos», escreveu o Dr. Rossi, «que a concretização deste plano não se traduzirá na redução do direito de as comunidades religiosas dispor de lugares de culto convenientes.» A Divisão Euro-Africana, e os crentes adventistas da Europa seguem a evolução dos aconte-



Reunião de Sábado à tarde na igreja de Gheorghe Doja, uma comunidade rural do sul da Roménia



Fachada da igreja Adventista em Brasov, centro da Roménia.

Da esquerda para a direita: Pastores M. Popa e N. Popescu com o ancião da igreja.

cimentos com o maior interesse e atenção. Há negociações entre os responsáveis adventistas locais e o governo romeno quanto a uma nova construção. Entretanto, conseguiu-se encontrar um edifício para abrigar os escritórios da Associação, que funcionavam no mesmo imóvel da igreja agora demolida.

Quanto aos membros, logo no Sábado a seguir à demolição, espalharam-se pelas outras igrejas da capital e aí assistem aos cultos.

Com a proximidade do Inverno, as coisas tornar-se-ão mais difíceis, pelo que se espera que o problema de um novo lugar de culto seja em breve solucionado.

A igreja de Grant tinha cerca de 700 membros. Era uma das grandes igrejas da Associação de Bucareste, a qual compreende 206 igrejas e mais de 22.000 membros.

— J. Graz

HERFORD: 900 jovens felizes e activos

900 jovens das 6 Associações da União da Alemanha Federal reuniram-se em Herford, de 16 a 19 de Maio deste ano, na Vestefália.

O tema do encontro, «Felizes com Deus», deu o tom à atmosfera destas jornadas. Foi orador convidado o pastor John Graz, director dos Jovens da nossa Divisão. As suas mensagens constituíram pontos altos destas reuniões. Organizaram-se, também, círculos de conversação (diferentes de mesas-redondas!) sobre diversos assuntos escolhidos pelos próprios jovens.

No Sábado à tarde, foi feita uma visita aos habitantes da cidade, a qual permitiu recolher

785 assinaturas em favor da iniciativa contra a propaganda de álcool e tabaco.

No Domingo, os participantes receberam a visita do presidente da Câmara, Dr. Klippstein, que os felicitou pela sua acção. E, sinal de esperança e paz, o organizador do Encontro, Lothar Wilhelm, plantou uma tília num jardim de Herford. A seguir a esta cerimónia teve lugar uma corrida de 5 quilómetros, em que participaram 86 jovens.

O Encontro concluiu com o projecto de um grande encontro de todos os jovens adventistas da Alemanha, ao qual seriam bem-vindas delegações de outros países.

Inquérito à População de Herford

Na visita à população de Herford, feita durante o Encontro de Jovens, participaram 200 rapazes e meninas. O objectivo era uma petição contra a publicidade do álcool e do tabaco.

Responderam a um questionário sobre o assunto 1.157 habitantes:

- 72% consideraram o álcool e o tabaco prejudiciais à saúde, e

83% acharam que a sua publicidade exerce um efeito nocivo sobre as crianças e jovens.

Foram recolhidas 785 assinaturas, as quais foram entregues aos organizadores desta petição. A Igreja Adventista encontra-se entre os primeiros subscritores dessa petição, que é apoiada por 150 organizações e 30.000 cidadãos. □

Uganda — Um Primeiro Ministro Adventista

Pela primeira vez na história de Uganda, um membro da Igreja Adventista ocupa as altas funções de Primeiro Ministro. Trata-se de Samuel Kisseka.

A Igreja Adventista mundial fez questão de lhe apresentar felicitações e assegurá-lo das orações de seus irmãos, enviando-lhe uma mensagem especial com data de 2 de Abril do corrente ano.

Os adventistas nunca encorajaram os seus membros a envolverem-se pela política. Preconizam, todavia, uma presença construtiva em favor da justiça e da liberdade na vida social. No plano político, a Igreja mantém uma atitude de neutralidade activa.

— J. Graz

SECRETÁRIA PARA OS ESCRITÓRIOS DA UNIÃO

Condições preferenciais:

- domínio de Francês/Inglês
 - dactilografia
 - curso de Secretariado ou o 12.º ano de escolaridade
- Resposta com curriculum detalhado, à sede da União.